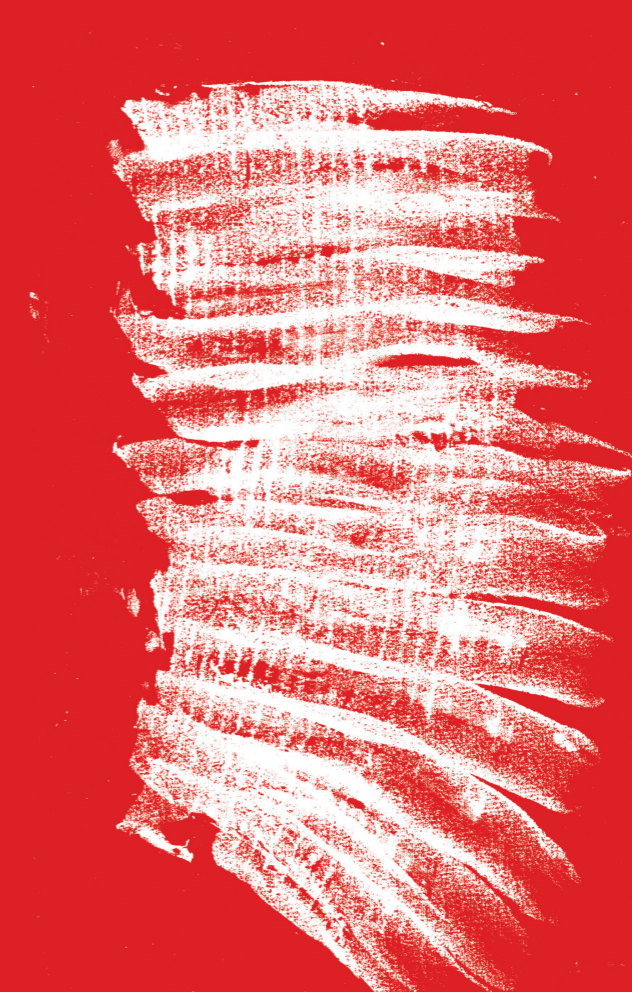


O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



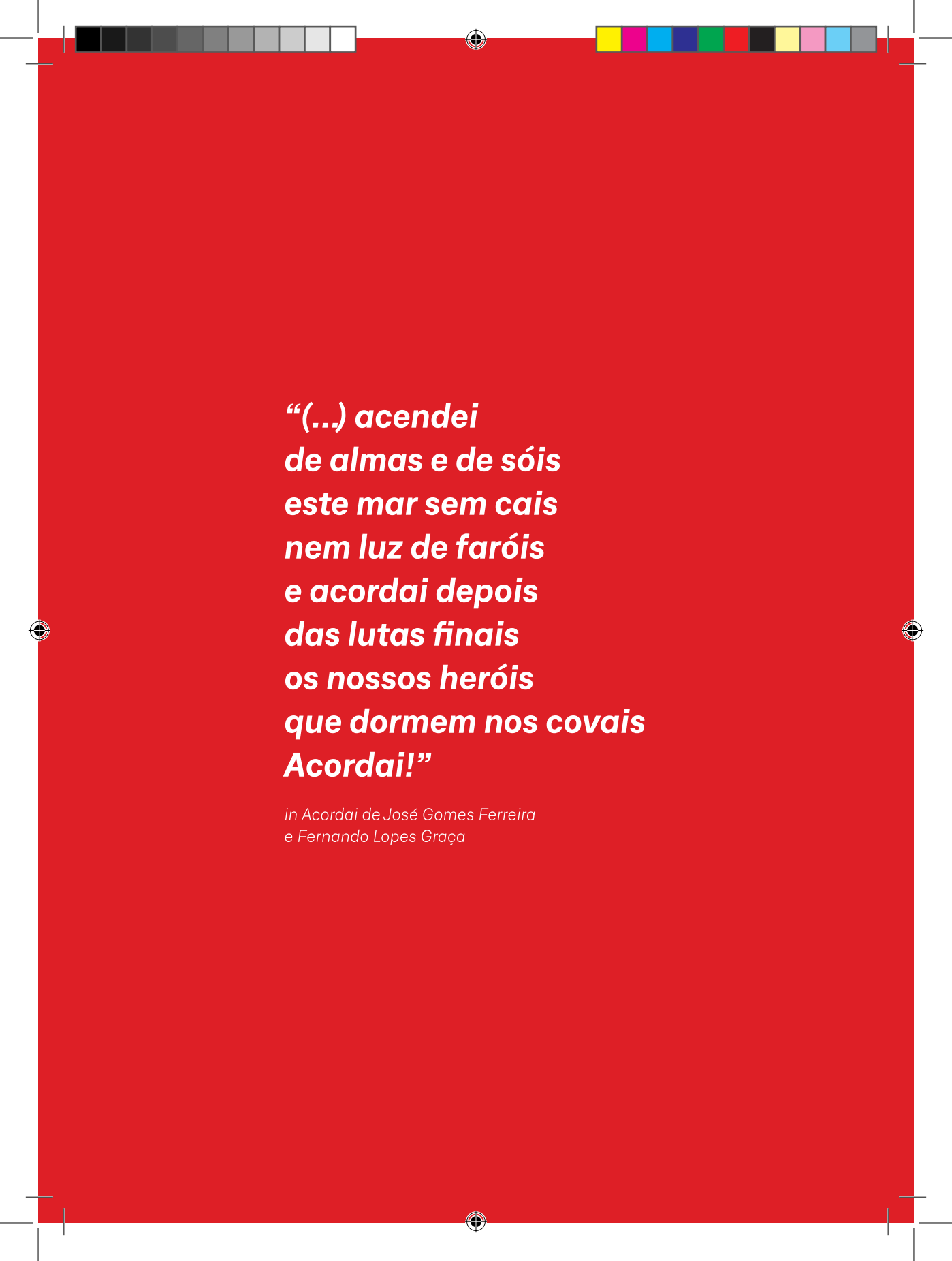
O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



FCT - UID/ELT/00305/2019





***“(...) acendei
de almas e de sóis
este mar sem caís
nem luz de faróis
e acordai depois
das lutas finais
os nossos heróis
que dormem nos covais
Acordai!”***

*in Acordai de José Gomes Ferreira
e Fernando Lopes Graça*



coordenação editorial,
escrita e organização dos textos
José Eduardo Silva

coordenação gráfica
Teatro do Frio – Pesquisa
Teatral do Norte

recolha de materiais,
textos e imagens
Carlos Correia
José Eduardo Silva
Inês Gregório
Maria Rui Sampaio
com a colaboração
dos elementos
da Outra Voz
e do Teatro do Frio

design e paginação
Teatro do Frio

Todos os textos são escritos de acordo com a antiga ortografia.

ISBN 978-989-54345-0-3



FCT – UID/ELT/00305/2019



A investigação de onde decorre este trabalho foi financiada por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia IP (FCT) e pelo Fundo Social Europeu, através do Programa Operacional do Capital Humano (POCH) do Portugal 2020 (Bolsa de Pós-Doutoramento com a ref. SFRH/BPD/100638/2014).

The research that led to this presentation was supported by the Portuguese Foundation for Science and Technology IP (FCT) and by the European Social Fund, under the Human Capital Operational Programme from Portugal 2020 Programme (PostDoctoral Fellowship number SFRH/BPD/100638/2014).



Esta publicação é resultado de uma parceria entre a Outra Voz e o Teatro do Frio, constituindo a etapa final de documentação e disseminação de um processo de criação artística no contexto comunitário, preparado em Outubro de 2016 e iniciado em Janeiro de 2017, que culminou com a apresentação do espectáculo O Outro de Nós, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor em Guimarães a 26 de Maio de 2018.

Faz parte integral desta edição um DVD com a gravação desse espectáculo.

Todos os textos, fotografias ou imagens presentes nesta publicação foram gerados para o projecto O Outro de Nós ou para a Outra voz pelos vários participantes e intervenientes no processo de criação e constituem contribuições valiosas sem as quais esta edição não seria possível.





AO ENCONTRO DE OUTRAS VOZES

O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





ÍNDICE

PRÓLOGO

O que faz do projecto Outra Voz um genuíno projecto de comunidade?	9
---	---

RUI PEREIRA

O Outro de Nós: ao encontro de outras vozes	13
--	----

JOSÉ EDUARDO SILVA

PARTE I: O ESPECTÁCULO

I. Equipa artística e técnica	23
--	----

II. Texto final e guião cénico	27
---	----

III. Materiais de divulgação	47
---	----

PARTE II: O PROCESSO

Capítulo I: Primeiros ensaios exploratórios	53
--	----

I. Preparação e reconhecimento dos grupos	53
---	----

II. Encontros e ensaios colectivos	63
--	----

Capítulo II: Primeiro ensaio aberto	81
--	----

Capítulo III: Segundo ensaio aberto	101
--	-----

Capítulo IV: Ensaios pré-espectáculo	129
---	-----

EPÍLOGO	141
----------------------	-----

CARLOS CORREIA



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



8





PRÓLOGO

O que faz do projecto Outra Voz um genuíno projecto de comunidade?

RUI PEREIRA*

Gerado desde 2010 a partir da Área de Comunidade da programação da Capital Europeia da Cultura (CEC) – Guimarães 2012, o agrupamento vocal Outra Voz foi concebido como uma marca perene de um acontecimento circunstancial. Isto é, algo que deveria ficar para além do vento passageiro do evento CEC.

Nesse sentido, Outra Voz encerra em si uma marca fundamental das problemáticas associadas aos grandes projectos culturais que pautam os debates em torno, entre outras realizações, da tradição das Capitais Europeias da Cultura.

9

Debates que, entre outras, podem considerar-se de duas maneiras: 1) em que medida a excepcionalidade de um conjunto inusual (e eventualmente irrepitível) de realizações pode ‘tocar’ culturalmente os lugares onde se efectua e as populações que já os habitavam e constituíam antes e que aí continuarão depois?; 2) em que medida uma “superestrutura” (neste caso cultural) produtora, geradora e transmissora do que pode considerar-se modalidades diferenciadas da produção artística (em sentido restrito) e cultural (em sentido amplo) pode vencer a sua exclusividade (ligada a noções como “alta cultura”, entre outras) associando-lhe a peculiaridade dos patrimónios humano e cultural na qual transitoriamente se radica para, depois, partir?

Um dos critérios a observar nesta discussão (para além da densidade, variedade e qualidade da gama de projectos e propostas que usualmente pautam estas iniciativas) é o da relação entre profissionalidade e radicalidade dessas mesmas propostas. *Profissionalidade* pelo carácter profissional do pessoal cultural (artístico e de produção) envolvido e *radicalidade* no sentido do envolvimento fecundo e não meramente receptor da cultura enraizada nos lugares e nas gentes que dela são objecto/sujeito.



Muito do que vem sendo chamado de “projectos de comunidade”, uma crescente moda da movimentação cultural no Portugal do século XXI, corresponde ao envolvimento de não profissionais em produções de natureza cultural geradas e conduzidas por profissionais da cultura (artistas, animadores, etc). Marcam estes projectos três grandes características: a) a sua excepcionalidade e transitoriedade; b) a sua utilidade pecuniária para um grande conjunto de agentes culturais que procuram formas de trabalho num cenário cada vez menos valorizado e dotado de capital pelos poderes públicos; c) a gestação e vivência precárias – pela sua transitoriedade – da experiência dos não profissionais envolvidos, os quais, encerrados os projectos, deles guardam no melhor dos casos uma memória gratificada, mas isolada, non sequitur, por assim dizer: dali, nada mais decorre de comparável.

10

Ora, o projecto Outra Voz, em comum com esta descrição, tem apenas o facto de a sua origem filiar-se numa destas superestruturas artísticas/culturais de excepção (a CEC 2012). Origem, aliás, que correspondeu a uma ideia pré-existente de alguns dos que são hoje os seus integrantes e dirigentes e aos quais a Área de Comunidade da Fundação Cidade de Guimarães se limitou a conferir os primeiros passos das possibilidades logísticas e operacionais.

Fechada a CEC, o projecto Outra Voz revela-se hoje nesta sua dinâmica de genuíno projecto de comunidade: entregue a si mesmo, desenvolvendo um repertório artístico próprio, com a sua carteira de contactos própria, autoviabilizando-se com recursos e diligências próprios, sem dependência de poderes públicos ou privados. A tarefa afigura-se tão mais ciclópica quanto: 1) não decorre nas duas grandes metrópoles do país, Lisboa e Porto; 2) deve responder (e fá-lo) a um território geograficamente de grande dimensão (o concelho de Guimarães é formado por mais de seis dezenas de freguesias, na sua maioria rurais); 3) mobiliza um conjunto de realidades socioculturais de imensa diversidade: origens rurais e urbanas, camadas etárias que vão da infância à terceira idade, trabalhando, um repertório que conjuga e articula as raízes populares do canto com a tradição erudita da cultura musical.

Todavia, o aspecto mais relevante de todo este empreendimento não é nenhum desses elementos que podem apreciar-se fragmentariamente, maxime, quando se desenvolve em circunstâncias de tão mais radical supressão de recursos quanto aquelas em que a sociedade portuguesa se encontra mergulhada.



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

O que torna o “Projecto de Comunidade Outra Voz” um genuíno projecto cultural de comunidade é a materialidade que confere a duas questões intensamente debatidas na reflexão contemporânea em torno da cultura: a capacidade de, através da cultura, surgir potenciada a noção de “empowerment” das pessoas e populações mais necessitadas desse potenciamento e a sua conversão, aos seus próprios olhos e aos olhares exteriores, em agenciamento, em capacidade de intervenção e em real intervenção própria, das populações que livremente aderem a um tal projecto.

Uma imagem resumirá o aqui exposto: a imagem de cerca de uma centena de pessoas que, numa dada noite de cada semana, saem de suas casas, independentemente das agruras do clima, vencendo os hábitos de solidão e isolamento, para cantarem juntas. Fazem-no sem qualquer gratificação usual, sem qualquer dependência ou tutela de autoridades que não as suas próprias. Continuam a fazê-lo, pelos seus próprios meios, depois de “os artistas” e os “agentes da cultura” terem partido para outros projectos e outras comunidades.

*Doutor em Sociologia da Comunicação e da Informação pela Universidade do Minho, Investigador do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade do Instituto de Ciências Sociais da UM.



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





O Outro de Nós: ao encontro de outras vozes

JOSÉ EDUARDO SILVA

Actor e encenador

Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho

Ser ou não ser? Esta é a questão clássica que nos deixa William Shakespeare, através das palavras de *Hamlet*, sobre o momento da acção: agir ou não agir? Ser-se actor ou espectador da própria vida? A *Outra Voz, Associação Cultural* é um grupo comunitário de exploração vocal de Guimarães que, desde 2010, tem vindo intuitivamente a responder a esta pergunta, desempenhando um papel ímpar no plano da Cidadania Cultural (vd *cultural citizenship*¹), através das suas múltiplas produções artísticas.

A presente edição é a etapa final de mais uma destas suas produções. Um projecto de investigação e criação artística que, articulando preocupações estéticas e éticas, procurou, por um lado explorar os processos colaborativos na criação artística de uma obra teatral em contexto comunitário; por outro, deixar instrumentos e possibilidades que pudessem contribuir para o empoderamento e autonomização de todos e todas as participantes neste processo, na continuidade da afirmação do seu papel enquanto produtores de cultura e não apenas de meros consumidores².

O processo iniciou em Outubro de 2016, altura em que fui contactado pela Direcção da *Outra Voz*, através do seu coordenador Carlos Correia, com uma proposta de colaboração artística. Sabia que se tratava de um grupo de comunidade e tinha já ouvido falar sobre os seus trabalhos, mas não tinha ainda assistido a nenhum. As primeiras reuniões ocorreram de forma cautelosa, por forma a proporcionar o início de um reconhecimento mútuo e de, numa discussão construtiva contínua, procurar as maneiras mais plausíveis e viáveis de alicerçar um projecto conjunto.

1. e.g., Kuttner, 2014; Turner, 2001.

2. Silva, José Eduardo (2019). *Outra Voz: de consumidores a cidadãos produtores de arte e Cultura*. In H. Cruz, I. Bezelga & R. Aguiar (Org), *Práticas artísticas: participação e comunidade* (pp. 63-77). Évora: CHAIA/EU (ebook). ISBN: 978-972-778-119-5



Fui assim tomando conhecimento sobre este colectivo e as formas de organização que tinha desenvolvido. O grupo contava já na altura com cerca de cento e vinte pessoas, organizadas em seis núcleos que correspondiam a cinco freguesias do concelho de Guimarães (Lordelo, Briteiros, Nespereira, São Torcato, Pevidém), sendo o sexto núcleo correspondente a participantes de Guimarães-Centro. Com este tipo de organização, o grupo consegue de forma autónoma (apenas com recurso a quotas dos associados), assegurar ensaios regulares semanais em cada um destes núcleos, onde aflui um notável total flutuante de cerca de oitenta participantes. Uma característica deste grupo é o facto de se ter mantido sempre completamente aberto ao acolhimento de novos participantes, não fazendo qualquer discriminação na escolha dos seus membros. A condição única para a integração na Outra Voz é a vontade de cantar (sem juízos de valor de nenhuma ordem) e de participar nas actividades do colectivo. Evidentemente, estas conversas iniciais estavam limitadas pelo facto de a Outra Voz não estar presente na sua totalidade e se fazer representar pela sua Direcção, o que foi sempre tido em conta nos resultados das projecções, planos e considerações sobre o projecto.

14

A proposta inicial que me foi feita prendia-se com a construção e apresentação de um espectáculo que associasse componentes teatrais e sonoras. Num dispositivo cénico aproximado ao da tragédia Grega (Coro-Corifeu), a proposta inicial comportava a criação de um espectáculo onde, para além da direcção, um actor (eu) interpretasse um texto; e um coro (Outra Voz) sonorizasse os vários espaços sociais, naturais e psicológicos desse texto. Quanto ao texto propriamente dito, levantava-se a hipótese de ter como referência o autor Raúl Brandão e mais especificamente o seu texto editado postumamente "O Pobre de Pedir". Uma vez que Raúl Brandão viveu e trabalhou em Guimarães durante uma grande parte da sua vida, estas sugestões iniciais resumiam não apenas opções estratégicas significativas de vária ordem, mas também circunstâncias e contextos onde o grupo desenvolve o seu trabalho.

Num contexto de entendimento e empatia imediatos, estavam assim lançadas as bases para complexificar e desenvolver mais o projecto, tornando-o ainda mais aberto às contribuições dos e das participantes. Na continuidade dos diálogos, leituras das obras, reflexões sobre questões emergentes e após alguns encontros regulares, foi-se tornando cada vez mais claro que a proposta inicial, ao invés de ser um ponto de chegada, poderia ser um excelente ponto de partida - ao qual acabámos sempre por voltar ao longo do processo. Munidos das nossas próprias



experiências de criação artística e consequentes sistematizações sobre o trabalho teatral, tomámos inspiração nas propostas concretas de Augusto Boal no Teatro do Oprimido³, nos princípios operativos das metodologias de Investigação-Acção Participatória⁴ e no trabalho crítico de diversos autores como Bernard Stiegler, Hannah Arendt, José Gil, Slavoj Žižek, entre outros. Depois, num trabalho conjunto sistemático elaborámos, numa lógica de projecto, linhas de acção continuada com o propósito de envolver os participantes nos processos de discussão e decisão. Um trabalho complexo e de desenvolvimento nada linear, onde frequentemente as resistências se fazem sentir, como assinalam Fals-Borda & Rahman (1991).

Neste quadro, a primeira linha de acção para o conhecimento e reconhecimento mútuos de um grupo desta envergadura foi a procura de participantes-chave, dentro e fora do grupo. Estes deviam manifestar o desejo de colaborar com o projecto e iniciar connosco, nas várias freguesias e núcleos de trabalho, uma recolha etnográfica (e auto-etnográfica) de histórias, memórias sonoras e vivenciais experienciadas pelos participantes, como canes, ladainhas, sons humanos ou industriais associados a rituais, trabalho, costumes, tradições culturais (entre muitas outras coisas), de modo a activar a auto e hetero-investigação nas memórias individuais e colectivas. Destacamos, nesta fase, a participação do nosso colega Pedro Almeida, cuja colaboração foi inestimável.

A segunda linha de acção começou a ocorrer durante as recolhas e consistiu na organização de vários encontros presenciais, inicialmente com cada um dos vários núcleos e posteriormente com a totalidade do grupo (encontros que o grupo apelida de “ensaios gerais”). Nestes encontros, foram-se alternando exercícios de improvisação interpessoal de base teatral (vocal e corporal) com a discussão colectiva (fóruns) de temas, processos, problemáticas e desejos que, estando ou não relacionados com o projecto, se tornaram parte do processo de construção criativa do colectivo.

Uma terceira linha consistiu numa activação do grupo para a possibilidade de colaboração em rede, sobretudo (mas não exclusivamente) na elaboração de projectos que pudessem ser financiados, contribuindo assim para uma maior valorização e autonomização do grupo na delineação e prossecução dos seus

3. Boal, 1974; Silva, Ferreira, Coimbra & Menezes, 2017; Silva & Menezes, 2016

4. Fals-Borda & Rahman, 1991.



objectivos. Acentuou-se a importância da integração em redes de colaboração, da constituição de equipas de trabalho e do estabelecimento de protocolos e parcerias institucionais que permitiram ao grupo ter, por exemplo, acesso a espaços (como o Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor ou a Black Box do Centro Internacional das Artes, José de Guimarães) que, costumeiramente, não são disponibilizados a projectos comunitários de grupos de cidadãos activistas na produção de cultura, mas tendencialmente apenas a uma elite de grupos profissionais, representantes da Cultura “erudita.” Começámos assim, da maneira mais simples possível e a partir literalmente do nada, a alimentar um diálogo que acabou progressivamente por envolver não apenas os restantes membros do colectivo Outra Voz, mas também se estendeu a várias instituições como A Oficina, o Teatro do Frio, a DGArtes, a Câmara Municipal de Guimarães, assim como centros de investigação da Universidades do Minho (Centro de Estudos Humanísticos) e do Porto (Centro de Investigação e Intervenção Educativas). Foram colaborações preciosas que se mostraram particularmente disponíveis para contribuir para a realização deste projecto nas suas diversas fases.

Com uma duração total de cerca de vinte e quatro meses, o ponto culminante deste processo foi a criação do espectáculo original *O Outro de Nós* apresentado publicamente no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor (Guimarães), no dia 26 de maio de 2018, após os primeiros dezoito meses de investigação. Tendo em conta as linhas de acção acima descritas, o processo criativo de *O Outro de Nós*, que tive o privilégio de dirigir e no qual tive uma breve participação como actor, foi desenvolvido, tanto quanto possível, de forma colaborativa e partilhada, entre ensaios fechados e abertos à comunidade, numa lógica que procurou que os processos de decisão, assim como todos os conteúdos a nível artístico, criativo e administrativo fossem progressivamente transferidos para o interior do grupo.

O processo de investigação e criação do espectáculo foi, para os dias que correm, talvez incomumente longo e intenso, mas felizmente que foi assim. Os dezoito meses decorreram em quatro fases distintas que serão espelhadas nos materiais recolhidos e selecionados ao longo dos quatro capítulos da segunda parte desta edição: I) primeiros ensaios exploratórios; II) primeiro ensaio aberto; III) segundo ensaio aberto; IV) ensaios pré-espectáculo. Na primeira parte encontrar-se-ão os materiais finais que resultaram de todo este processo, fazendo também parte desta edição um DVD contendo uma montagem vídeo do espectáculo. Em todas as suas fases, este trabalho envolveu cerca de cento e vinte criadores/as participantes



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

da comunidade, entre os quais oitenta actores/músicos/performers. O processo de criação foi de cariz colaborativo e contributivo, de acordo com o desejo e a disponibilidade de cada um dos intervenientes, o que implicou uma grande percentagem de participantes intermitentes – até porque durante este tempo zelamos para que a Outra Voz não interrompesse as suas actividades costumeiras (e.g., concertos, apresentações, comemorações, reuniões, projectos).

Em primeiro lugar, o objectivo deste processo foi o de proporcionar uma oportunidade de reflexão sobre o mundo contemporâneo e sobre o papel dos seus actores (cidadãos) na sua construção, enfatizando a possibilidade de que cada participante deva ser encarado como um protagonista. Fundindo objectivos artísticos e desenvolvimentais, o processo criativo preocupou-se em criar espaços de acção de modo a permitir a manifestação espontânea e intencionada, não apenas da dimensão colectiva e social das e dos participantes, que são uma das matrizes do grupo, mas também a dimensão individual e psicológica dos seus vários elementos. Estas opções funda-se na convicção de que a criação artística pode ser uma das manifestações culturais mais bem sintonizadas com a capacidade de emancipação dos seres humanos na busca da sua liberdade; e um dos maiores aliados para ultrapassar os constrangimentos colocados por obstáculos que se interpõem à justa realização dos seus desejos. Aqui, figuram todas as associações da actividade artística à materialização dos ideais democráticos na construção de um mundo realmente plural, diverso e livre. Um mundo onde cada pessoa encontra espaço e liberdade suficientes para construir a sua narrativa pessoal, inscrevendo-a numa narrativa colectiva mais ampla onde encontra, mas à qual também aporta significados de vida. O “outro” (sujeito exterior a nós mesmos) é, possivelmente, alguém onde nos vemos reflectidos, tanto nas nossas diferenças como nas nossas semelhanças. Sem o “outro”, não teríamos forma de perceber as inúmeras possibilidades de ser que cada pessoa encerra e é dessa diversidade que poderá surgir um “nós” verdadeiramente colectivo. Sendo certo que, mais do que uma mera possibilidade, o “outro” é uma absoluta necessidade, este espectáculo refletiu precisamente a indissociabilidade das dimensões psicológicas e sociais. Não poderemos descurar este facto se quisermos ter em vista a construção futura de sociedades onde impere um bem-estar verdadeiramente geral e sustentável.

Ainda é precoce fazer o balanço do que foi este projecto. Não há dúvida de que, nesta experiência, onde os equilíbrios são evidentemente frágeis, a responsabilidade de cada participante e da organização colectiva prévia onde



se inscreve foi particularmente relevante, cabendo-me a mim, acima de tudo, a tarefa de procurar viabilizar e ajudar a dar forma, em termos de espectáculo, às possibilidades e idiossincrasias com que de cada participante contribuiu para este processo. Evidentemente, os diferentes participantes apresentaram graus diferentes de contribuição que foram desde a partilha e discussão de ideias ou da apresentação de materiais inspiracionais significativos até à escrita original dos seus próprios textos que haveriam de interpretar no espectáculo. Contudo, o grau de contribuição de cada um apenas se tornou relevante na medida em que a construção do espectáculo procurou assentar exactamente na integração possível de todas essas contribuições, por muito diversas que fossem – o objecto estético é disso mesmo um reflexo imediato. Procuramos levar o princípio inclusivo, que caracteriza a Outra Voz, a extremos que normalmente não são encarados como exequíveis na construção de espectáculos. Ou seja, ainda que os participantes pudessem não estar presentes num grande número de ensaios, ou ter algum impedimento imprevisto, ou sair mais cedo dos ensaios e apresentações públicas, por alguma razão, ou mudar de ideias a meio do processo relativamente ao seu papel, adoptámos o princípio de que todos estes aspectos seriam legítimos e teriam de ser atendidos. Seria a estrutura e a forma do espectáculo a incorporar estas diferentes volições e limitações de forma flexível, sem recusar nenhuma contribuição, ao invés de impor uma ordem à qual as e os participantes se deveriam adaptar rigidamente. Na verdade, este foi talvez o desafio mais complexo da fase de construção do espectáculo. Grande parte do meu trabalho foi dedicado à procura constante da viabilização desta enorme diversidade de contribuições e limitações. Como não negar possibilidades a ninguém que tenha vontade de as apresentar? Como potenciar ao máximo a capacidade de sublimação de cada pessoa? Quais as possibilidades e potencial de cada pessoa na construção de um objecto estético performativo que é sempre uma proposta alternativa de mundo? Estas foram as grandes questões subjacentes a este processo, para as quais, através das suas propostas, os intervenientes foram apresentando respostas.

Por outro lado, num processo de criação com um tal grau de intensidade, complexidade e riqueza, ao nível da sua diversidade, humanidade e saberes, foi fundamental a tentativa contínua de encontrar um equilíbrio (evidentemente desequilibrado) entre estimular desafios, tanto a cada participante individualmente como aos núcleos onde estes se inserem. Isso implicou, por exemplo, atentar, a cada momento, nos limites para além dos quais, dentro do funcionamento interno



de cada colectivo, os desafios se tornam inviáveis e as resistências se fazem sentir. Ultrapassar as contingências emergentes do exercício constante de ultrapassar limites é uma experiência difícil de descrever, pois as respostas não são lineares e creio que só surgem realmente da resiliência e da prática em si mesmas.

Fica, por fim, a certeza de que o exercício criativo colectivo é uma das mais gratas experiências de desenvolvimento humano de que se pode dar conta, onde toda a energia despendida acaba quase sempre por nos ser generosamente devolvida, num ciclo vital crescente. Sem essa energia, teremos escassas possibilidades de estar à altura dos desafios apresentados por um mundo contemporâneo, cada vez mais uniformizado, onde reiteradamente nos é dito que o “outro”, na sua diferença, é redundante, indesejado, insignificante ou, pior, uma ameaça à nossa existência. A maior miséria simbólica é, numa primeira instância, sermos levados a viver na indiferença, mas o primeiro passo para a mudança é acreditar, com naturalidade, que o nosso papel terá que ser necessariamente diferente.

BIBLIOGRAFIA:

Boal, A. (1974 [1979]). Theatre of the oppressed. London: Pluto Press.

Fals-Borda, Orlando & Rahman, Mohamad Anisur (1991). Action and Knowledge: Breaking the Monopoly with Participatory Action-Research. New York: The Apex Press. ISBN 0-945257-31-7. Print.

Kuttner, P.J. (2015). Educating for cultural citizenship: Reframing the goals of arts education, Curriculum Inquiry, 45 (1), 69-92.

Silva, José Eduardo (2019). Outra Voz: de consumidores a cidadãos produtores de arte e Cultura. In H. Cruz, I. Bezelga & R. Aguiar (Org.), Práticas artísticas: participação e comunidade (pp. 63-77). Évora: CHAIA/EU (ebook). ISBN: 978-972-778-119-5.

Silva, José Eduardo, Ferreira P., Coimbra J.L. & Menezes I. (2017). Theatre and Psychological Development: Assessing Socio-cognitive Complexity in the Domain of Theatre, Creativity Research Journal, 29 (02), 157 – 166. ID: 1302778 DOI:10.1080/10400419.2017.1302778

Silva, José Eduardo & Menezes, I. (2016) – Art Education for Citizenship: Augusto Boal's Theater of the Oppressed as a Method for Democratic Empowerment. Journal of Social Science Education, 15, (4), 40-49. DOI 10.2390/jsse-v15-i4-1507.

Turner, B. S. (2001) Outline of a general theory of cultural citizenship. In N. Stevenson (Ed.), Culture and Citizenship (pp. 11-32). New York: Sage





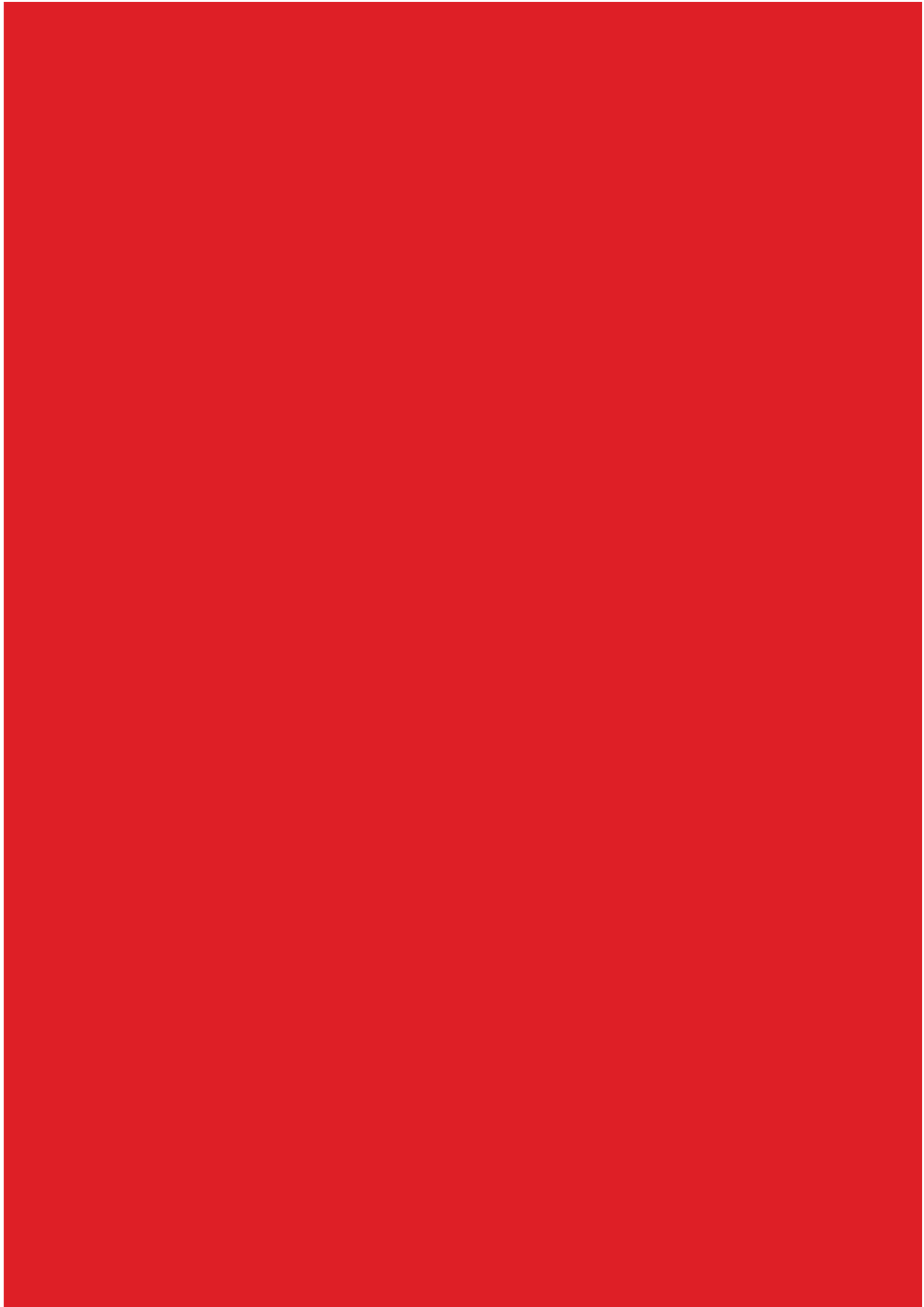
PARTE I

O ESPECTÁCULO





JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





PARTE I: O ESPECTÁCULO

I. Equipa artística e técnica

O espectáculo *O Outro de Nós* estreou a 26 de Maio de 2018, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor. O texto e guião que abaixo se apresentam resultaram de um processo criativo colaborativo de dezoito meses que envolveu cerca de cento e vinte pessoas.

DIRECÇÃO ARTÍSTICA DA CRIAÇÃO COLECTIVA, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO

JOSÉ EDUARDO SILVA

DIRECÇÃO E COORDENAÇÃO DO PROJECTO

CARLOS CORREIA

23

DIRECÇÃO MUSICAL

MARISA OLIVEIRA

DESENHO DE SOM

JOÃO GUIMARÃES E QUICO SERRANO

DESENHO DE LUZ

PEDRO VIEIRA DE CARVALHO

DESENHO DE FIGURINOS E ADEREÇOS

INÊS MARIANA MOITAS

PRODUÇÃO EXECUTIVA

INÊS GREGÓRIO – PÉ DE CABRA

TEXTOS ORIGINAIS DE

**ALEXANDRE MOREIRA, CATARINA LACERDA, HELENA SOUSA,
JOSÉ EDUARDO SILVA, RICARDO FARIA**



INTÉRPRETES/CRIDADORES

ABÍLIO LIMA FREITAS, ALEXANDRE FERREIRA MOREIRA, ALEXANDRE MENDES TEIXEIRA, ALEXANDRINA MARIA MENDES FREITAS, ANA CARVALHO, ANA ESMERALDA FARIA DA SILVA MENDES, ANA FERNANDES PEREIRA, ANA MARIA PIMENTA, ANTÓNIO MENDES PINTO, ARMANDO AUGUSTO DA SILVA FERNANDES, BENJAMIN RODRIGUES MACHADO, CAMILA DE MACEDO, CARLA MARIA FREITAS SILVA, CARMEN MARIA TEIXEIRA DA SILVA, CARMINDA CASTRO, CAROLINA CRISTINA SILVA FERREIRA, CAROLINA PACHECO MARTINS, CASIMIRO MARTINS, DANIEL HENRIQUES, DELFINA DA SILVA E CASTRO, DOMINGOS LUIS FREITAS ABREU, DOMINGOS RIBEIRO, ELSA MARIA PEREIRA DA CUNHA AZEVEDO, FRANCISCO SOUSA FARIA, ISABEL LEMOS, JOÃO FARIA RIBEIRO, JOÃO MIGUEL RIBEIRO LIMA CARNEIRO, JORGE ALMEIDA RIBEIRO, JOSÉ EDUARDO SILVA, JOSÉ FLÁVIO FERREIRA CUNHA, JOSÉ MARIA SILVA GOMES, JOSEFA SILVA MATOS, JOSEFINA MARIA MAGALHÃES ARAÚJO, LAURINDA DE MATOS SALGADO, LUDOVINA VIEIRA MARTINS, MANUEL COSTA CUNHA, MANUEL RIBEIRO GONÇALVES, MARIA ADELAIDE OLIVEIRA PEREIRA, MARIA ALICE CARDANTE, MARIA ANJOS FERNANDES VINHAS, MARIA ANTÓNIA LOPES, MARIA AURORA MACHADO DA SILVA, MARIA CARMO ALMEIDA RIBEIRO, MARIA CARMO MACEDO RODRIGUES BATISTA, MARIA CELESTE FERREIRA PINTO, MARIA CÉU SILVA, MARIA CONCEIÇÃO COSTA, MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA MARTINS, MARIA CONCEIÇÃO SILVA PEIXOTO, MARIA DIAS MOREIRA PINHEIRO, MARIA DO CARMO MENDES MOURA, MARIA EMILIA PEREIRA ABREU, MARIA ESPERANÇA C. SILVA, MARIA FÁTIMA COSTA MACHADO, MARIA FERNANDA CASTRO, MARIA FERNANDA FREITAS, MARIA FILOMENA FREITAS GONÇALVES, MARIA GORETTI M. G. FERREIRA, MARIA HELENA XAVIER E SOUSA, MARIA ISABEL ALVES OLIVEIRA, MARIA JOSÉ LIMA, MARIA LUCIA MACHADO DA SILVA, MARIA LUDOVINA CORREIA SILVA, MARIA NAZARÉ COTAS, MARIA ROSÁRIO MACEDO, MARIA SILVA OLIVEIRA, PAULA CASTRO, PUREZA SILVA, RICARDO MANUEL DE OLIVEIRA FARIA, ROSA MARTINS SILVA, SERAFINA CONCEIÇÃO RIBEIRO, TERESA CUNHA FERNANDES MARQUES, VICTOR MANUEL PEREIRA ABREU



ENSAIADOR 1

MADALENA GONÇALVES

ENSAIADOR 2

JOÃO DE GUIMARÃES

ENSAIADOR 3

MARISA OLIVEIRA

RECOLHA MUSICAL E ETNOGRÁFICA

PEDRO ALMEIDA

COMPOSIÇÃO

RUI SOUSA

APOIO À DIRECÇÃO ARTÍSTICA

CATARINA LACERDA

25

APOIO À PRODUÇÃO

MARIA RUI SAMPAIO, CARLA SILVA

APOIO À SONOPLASTIA VOCAL

TERESA MELO CAMPOS

REGISTO FOTOGRÁFICO

IVO RAINHA, MADALENA GONÇALVES

REGISTO VÍDEO

“OS FREDERICOS”

REGISTO ÁUDIO

QUICO SERRANO, ROLANDO FERREIRA

COMUNICAÇÃO

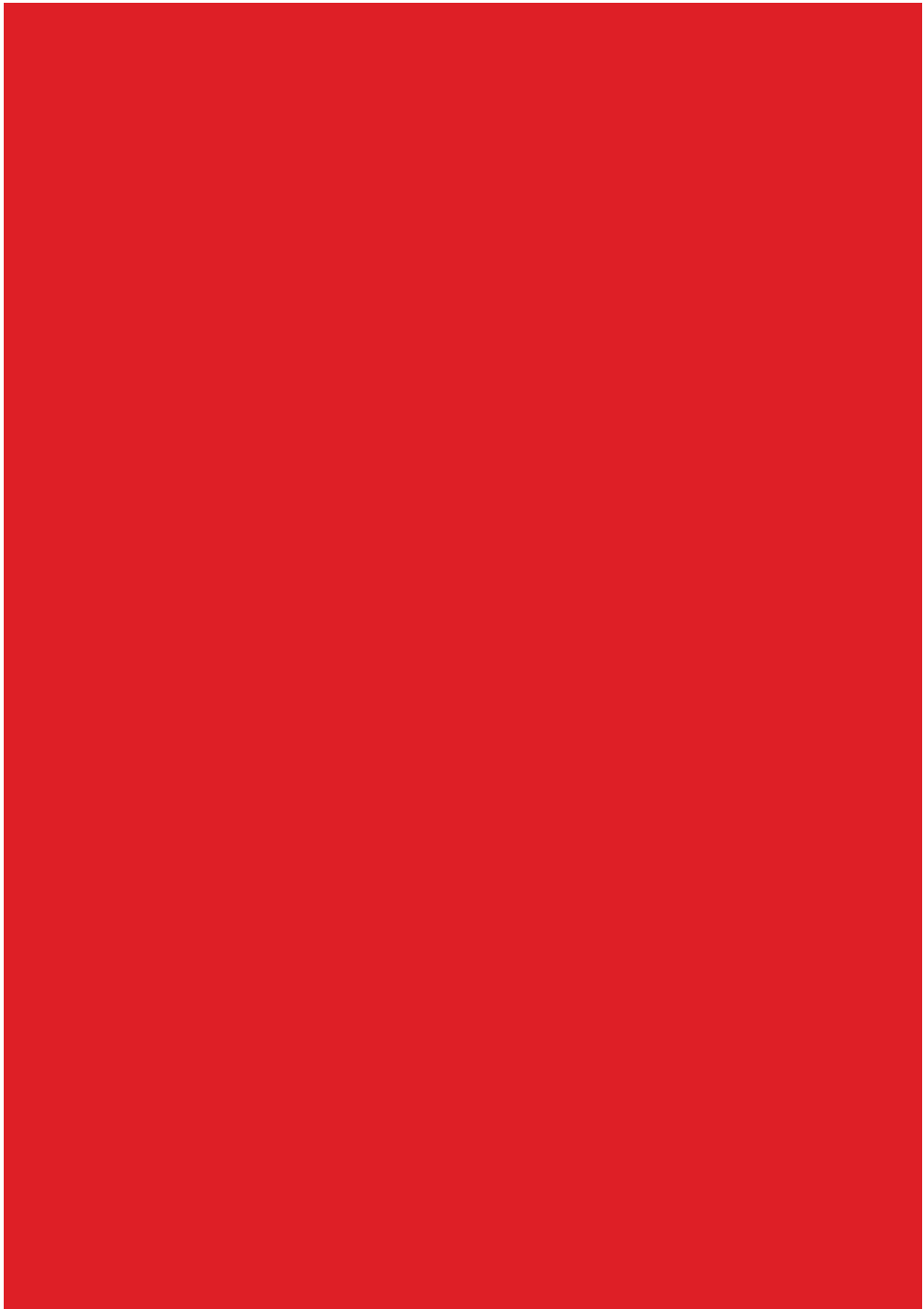
SARA CUNHA, BEATRIZ VASCONCELOS

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

CLÁUDIO RODRIGUES, MARINA MOTA, OOF DESIGN



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





PARTE I: O ESPECTÁCULO

II. Texto final e guião cénico

Todas as letras de músicas, lengalengas, trava-línguas ou outros materiais textuais que não foram escritos especificamente para este processo não aparecem transcritos neste guião, sendo apenas indicados como parte integrante do espectáculo. Apenas os textos originais escritos especificamente pelos participantes como resultado deste processo de criação foram transcritos e devidamente identificados os seus autores. Os restantes textos, canções e demais materiais surgirão identificados no capítulo II referente à cronologia do processo.



O OUTRO DE NÓS



Cena aberta. Os projectores estão à vista e não existe panejamento lateral. Ao fundo, um ciclorama iluminado evoca um dia de sol. Na parte alta do palco, ligeiramente deslocada para a esquerda, encontra-se uma plataforma montada com vários níveis, fazendo lembrar, simultaneamente, um escadório, uma bancada, um anfiteatro, uma plataforma para concerto de um grupo coral clássico. A ideia de grupo coral é evocada também pelo facto de alguns microfones penderem da teia. Pelo palco e em cima da plataforma, desenhando uma espécie de meia lua por entre as laterais e a parte alta de cena, estão espalhados cerca de oitenta bancos, cada um coberto com um casaco – estranhos pequenos vultos evocadores de presenças, por enquanto invisíveis.

1. PARQUE DA CIDADE

O corpo gramatiza-se na paisagem

Corpo é paisagem, voz é paisagem

*À entrada do público, alguns elementos de **O Coro** já se encontram descontraidamente em cima dos estrados, quer sentados quer em pé. Organizados por uma maestrina,*





cada um dos elementos emite improvisadamente sons de elementos que se podem encontrar num parque da cidade e na natureza. Evoca-se um dia de descanso, sol e lazer, de forma vocal, sonora e visual.

*As restantes personagens vão fazendo tranquilamente a sua entrada na sala de teatro, alguns vindo dos bastidores, outros (a maioria) vindo do foyer, entrando na sala juntamente com o público. Enquanto o público procura os seus lugares e se instala nos assentos da plateia, as personagens vão instalando os seus lugares em cima do palco. Entretanto, acrescenta-se a esta paisagem sonora e visual a mensagem costumeira de boas-vindas que cada local de espectáculos emite pedindo que se desliguem os telemóveis. Algumas personagens estão já a instalar-se em acções de cena, incluindo falar ao telemóvel. As personagens vão entrando de todos os lados e instalam-se especialmente no palco enquanto realizam diferentes actividades possíveis inerentes à chegada a um parque da sua cidade: estender a toalha para apanhar sol, conversar, fazer jogging, tirar fotografias, treinar artes marciais, contemplar o espaço, a plateia e os transeuntes, ler jornais e livros, fazer jogos, dobar meadas, bordar, entre muitas outras. Os exemplos dados são apenas de algumas entre muitas outras actividades que em palco acontecem, de acordo com o *fluir livre* do desejo de cada personagem criada.*

28

Todo o ambiente sonoro e as pequenas conversas produzidas são captadas e amplificadas pelos microfones instalados, misturando-se com os sons produzidos pelo Coro de forma a reforçar a paisagem sonora e o carácter de ócio e prazer de um dia de descanso ao sol que a cena, ela própria, também expressa visualmente. A vivência individual deste local público, onde o indivíduo e o colectivo se podem constantemente destacar e confundir exprime-se em acções que: a) colocam cada indivíduo em relação com a paisagem; b) colocam cada indivíduo, com os seus objectos, na paisagem (permitindo-lhe transformar-se em paisagem); c) colocam cada indivíduo em relação com outros indivíduos através de actividades e objectos. Estas possibilidades, entre outras, são geridas autonomamente pelas personagens dentro do enquadramento e da estrutura cénica que foi criada.

Interrompem estas actividades dois momentos de estranheza no aparente bem-estar geral.

Primeiro momento de estranheza:

*Todas as pessoas ficam como que imobilizadas paradas no tempo. Todo o som se silencia. Perante esse espaço que é criado, **A Sonhadora** faz-se ouvir (dizendo um texto*



da autoria de Helena Sousa), procurando incessantemente, através de acções físicas, algo como que indefinível, que não consegue encontrar em parte nenhuma dos sítios para onde se dirige.

A Sonhadora

**Raramente fui quem sou
Sem chegada,
sem partida
Diz que diz...**

Alguém me diz?!

**Vira o tempo sem saída,
um momento,
uma viragem.**

**Aprendendo a remar,
sempre atento à outra margem.
Onde fixo,
o meu olhar.**

Raramente fui feliz.

**Grito mudo.
Ao pé de mim, seguindo a estrela d'alva,
a lua chama.
Por mim.**

**Vida curta,
cesto cheio.**

**Aprendendo
o verbo amar,**



hoje sim,
eu sou feliz.
Fico e espero
sem cessar.

Por onde andarás o outro de nós?

E vejo o olhar ausente, girando à minha volta.
Alcanço essa montanha que pego
com a minha mão.
Subindo até ao topo.
Subindo as mesmas pedras.
Perdão que já não existe.

Sagrado é
este chão,
vazio.
Que se perde
como um barco à deriva.

**Encontra o cais aberto a abraçar
a chama viva.**

Por onde andarás o outro de nós?

Todas as actividades que foram interrompidas são retomadas como se nada tivesse acontecido. Retorno ao prazer e ócio num dia de sol.

Segundo momento de estranheza:

*Subitamente, ouve-se uma voz fantasmagórica vinda não se sabe de onde que entoava vagamente uma canção. Todas as pessoas permanecem indiferentes menos **O Inconformado**, que é a única pessoa que reconhece esse som e reage a ele, como que procurando encontrar a pessoa que produziu esse som e perceber de que lugar o som chega.*



Perante a indiferença geral dos restantes personagens, O Inconformado faz-se ouvir – para quem o quiser ouvir – dizendo um texto da autoria de Ricardo Faria. O seu discurso vai alternando entre o falar para si, o falar para plateia e o falar para os outros personagens em cena, como que procurando apoio para as suas verdades – que vai revelando durante o discurso. No entanto, as reacções das outras personagens, seus pares, são de recusa, afastamento e falta de cumplicidade. À medida que o discurso vai acontecendo, todas as outras personagens vão recolhendo os seus objectos e pertences, indiferentes ao seu conteúdo, saindo de cena cada um para o seu lugar perto do seu banco e do seu casaco. Vestindo o casaco escuro comprido (aqui uniforme de trabalho), as restantes personagens fundem-se no escuro, deixando O Inconformado a falar sozinho em cena, sem apoio, gracejando para ninguém.

O Inconformado

Eu detesto o medo, eu abomino o medo, eu tenho medo do medo!

31

O medo paralisa-me, asfixia-me, torna-me ridículo, impotente, alimenta-se de mim!

O medo nunca perde, ganha sempre! É utilizado de forma soberba pelos mais habilidosos!

Eu pedia perdão a Deus por acreditar mais no diabo do que n’Ele porque as minhas rezas não eram suficientemente fortes, a minha fé era tão fraquinha que não superava os meus medos; o medo do escuro, o medo de acontecer uma doença muito grave aos meus pais e, o maior medo de todos, o de ser possuído pelo diabo, passar a fazer mal a toda a gente de forma impiedosa e de arder eternamente no inferno.

É claro que não passava a maior parte do tempo nesta negrura. Diverti-me imenso, brinquei muito e de forma intensa, nunca passei despercebido.

O meu pai dizia-me: “Rapaz: Deus te livre de alguém me fazer queixa de ti”; “Para a missa e para o trabalho tens que chegar sempre a horas!”; “A coisa mais feia do mundo é ser-se mentiroso!”



O meu pai era implacável, obrigava-me a ir a quase todas as missas, a ir à lenha ao monte, a não jogar à bola. Eu furava todos os esquemas e sofria as consequências. O meu pai vivia atormentado pelo medo de não ter o que pôr na mesa e, apesar das dificuldades, nunca deixou que me faltasse o essencial, a mim e aos meus nove irmãos. Na altura eu não o via assim, mas, agora, considero-o o meu herói. Hoje, com 85 anos, não tem medo de praticamente nada, está a usufruir da falta de responsabilidade, já não precisa de trabalhar como um escravo e de educar ferozmente os seus filhos. Tem um sentido de humor fantástico, diz quase sempre a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem pensar nas consequências. O que o torna na maioria das vezes um velho caduco, malcriado e insuportável aos olhos daqueles que acham que merecem ser respeitados e que não estão para aturar os desaforos dos outros. Que ridículas são essas pessoas!

Os medos hoje são outros: mais camuflados, mais sofisticados, mais robustos!

O medo de perder o emprego, o medo da taxa de juro, o medo do terrorismo, o medo da insegurança, o medo da exclusão social.

Aos olhos dos outros, nós não somos o que somos, somos aquilo que alguém muito habilidoso decidiu que fossemos. Ninguém exclui ninguém, as pessoas é que se autoexcluem porque não são suficientemente boas, porque não se esforçam como deviam. As regras são iguais para todos: se uns conseguem, os outros também deviam conseguir. Só é pobre e iletrado quem quer, porque não gosta de trabalhar, porque trabalhar faz calo!, mas ainda bem que existem pobrezinhos, porque desta forma, podem organizar-se campanhas de solidariedade para que os que pensam assim possam contribuir com o seu generoso saco de arroz e fazer uma publicação nas redes sociais a demonstrar quão generosos são e que estão dispostos a fazer o que for preciso pelos outros, desde que os outros não tenham rosto porque o seu vizinho pobre é pobre porque não quer trabalhar, porque o seu irmão pobre é pobre porque não gosta de trabalhar, vieram os dois do mesmo sítio, tiveram as mesmas oportunidades, na sua empresa é que nunca trabalhará. É muito boa



peessoa, ajuda toda a gente, mas não vai gastar o seu precioso dinheiro que ganhou com tanto esforço com pessoas que não merecem, a menos que não as conheça e que estas não o conheçam a ele...

“Quem não deve, não teme!”

Quem teme, sente-se sempre em dívida. Quem não teme, deve a toda gente.

“Mentiras, não! A verdade acima de tudo!”

A mentira pode revelar-se o ato mais nobre, mais generoso, em determinados momentos!

“A maioria tem sempre razão!”

Foda-se! A maioria é padronizada! Julga! Não aceita a diferença e é a diferença que nos completa...

Eu sou um burro demasiadamente inteligente!

Eu sou um covarde demasiadamente corajoso!

Eu sou um querido demasiadamente bronco!

Eu sou um traidor demasiadamente fiel!

Eu sou um ateu carregado de fé!

Quanto mais eu me aproximo, mais eu me afasto!

Quanto mais me mostro, mais desapareço!

Quanto mais eu tento dar-me a conhecer, mais enigmático sou!

Quanto mais eu dou de mim, maior se torna a minha dívida...

2. FÁBRICA

O objecto (a máquina) a gramatizar o corpo

*O final do texto é interrompido pelo som de uma sirene produzida vocalmente pelo **Dono da Fábrica**. O som da sirene é o anúncio do reinício do trabalho. Acabou o ócio e o prazer. Acabou o dia de descanso. O ciclorama é tapado e toda a cena fica escura. O Dono da*



Fábrica entra em cena e dirige-se ao centro do palco, tomando o lugar de o Inconformado que, entretanto, saiu para se fundir com os seus pares nas actividades de trabalho. À primeira sirene todos as personagens, envergando o uniforme de trabalho (casaco escuro comprido), reproduzem também sirenes até formarem uma estrela em cena, com o Dono da Fábrica no centro. Ao instalarem a estrela, o som das sirenes vai desaparecendo e é progressivamente substituído por sons de ritmos de máquinas que em cada um dos braços da estrela se vai produzindo vocalmente. Os braços das estrela permanecem em movimento tendo o Dono da Fábrica como eixo central e entre sons de máquinas, ritmos e velocidade de movimento vai-se estabelecendo uma harmonia relativamente marcial. Depois de instalado este ambiente rítmico e musical maquinal, o Dono da Fábrica emite uma nova sirene anunciando o fim da jornada de trabalho. Os trabalhadores da fábrica param o trabalho, despem o uniforme de trabalho e dirigem-se para as suas respectivas casas deixando o Dono da Fábrica sozinho em cena, até que se dirige também ele para casa.

3. CASA

Espaço íntimo. A gramática da liberdade entre quatro paredes.

Ao desmontar e abandonar da fábrica, cada personagem monta a sua casa em volta do seu banco e dos seus parcos pertences: roupas, instrumentos, toalhas, cestos de comidas, bancos e tudo o mais que cada personagem possui. Cada personagem inicia um conjunto de actividades relacionadas com a casa como bordar, cozinhar, ver televisão, tratar do jardim, ler, tocar um instrumento. Estas actividades estão organizadas por grupos no espaço cénico sendo que algumas delas implicam deslocamentos no espaço. Enquanto as personagens não realizando estas actividades em cena, O Coro vai lançando, inicialmente, frases curtas recolhidas durante o processo (um texto de autoria colectiva de todos os participantes); posteriormente, O Coro assinala a passagem do tempo dentro de casa, com sons de pêndulo de relógio, e vai anunciando a chegada da noite com sons associáveis a actividades nocturnas. Instala-se a noite. Todos adormecem. Silêncio.

4. PEDRINHA, SERROTE e RENDEIRA

O trabalho gramatiza o corpo: vórtice romantizado e onírico do trabalho rural em colectivo. A gramática do sonho.



Enquanto todos dormem entra em cena **A Contadora de Histórias** e como que a tentar acordar e animar os seus pares, conta a lengalenga da “Velha furunfunfelha” (um texto popular recolhido e compilado por Maria Fernanda Freitas).

Uma vez que não há resposta, a contadora de histórias lança um Aboio (igualmente recolhido e compilado por Maria Fernanda Freitas) ao qual, desta vez, todas as personagens respondem vocalmente e levantando-se do chão. Em seguida, iniciam um movimento que, acompanhado com um som unísono, costumava ser usado pelos carregadores de pedras de granito da região de Guimarães. Neste movimento unísono dos pedreiros, todas as personagens, em pares, tomam lugar num grande círculo dividido em três grupos de trabalho, no centro do espaço cénico. Cada grupo de trabalho cria um núcleo relativo a um tempo quase onírico em que as actividades laborais realizadas em conjunto convocavam um movimento físico e vocal, que se manifestava sob a forma de canção mais ou menos complexa. Uma vez instalados no seu grupo de trabalho, cada círculo move-se na direcção contrária aos ponteiros do relógio, realizando os movimento e sons que foram seleccionados e desenvolvidos durante o processo de ensaios relativos a três destas áreas de trabalho a que chamámos: a) a Pedrinha; b) o Serrote; c) a Rendeira.

Assim como no início, todas as personagens adoptam os sons e movimentos relativos à pedrinha, no final todas as personagens cantam, dançam e movem-se de acordo com o tema de a Rendeira. Este vórtice de dança, som e movimento interpessoal vai crescendo até se tornar num grande arraial. O fim do arraial coincidirá com o fim da canção “.. e a cantiga terminou e a cantiga terminou.”

5. INTERVALO: LANCHE-PIQUENIQUE

O outro. Comezaina.

Finda a canção e depois de uma extenuante jornada onírica de trabalho, impõe-se necessariamente uma pausa, que é duplamente uma pausa onírica e uma pausa que se quer real. Quatro personagens entram com uma gigantesca toalha de piquenique, que, estendida, ocupa uma grande parte do centro do palco, sobre a qual todas as outras personagens instalam as suas toalhas, e também a) os seus instrumentos musicais: guitarras, concertinas, adufes, tamboretas, ferrinhos, reque-reques; b) os seus objectos: guardanapos, garrafas, cestos, tupperwares, malgas, copos, canecas; e c) os seus lanches:



vinhos, panados, rissóis, bolinhos de bacalhau, chouriço, pão, presunto, frutas, águas, ovos cozidos, licores, entre muitas outras possibilidades incontáveis.

Instala-se no meio do palco, um piquenique mesmo a sério. Todas as personagens realmente comem, bebem, conversam, dançam, cantam, tocam instrumentos de acordo com o livre fluir dos seus desejos. O público também poderá participar deste momento, subindo a palco, aproximando-se dos actores ou aceitando os convites para dançar, comer, beber, cantar ou qualquer outra coisa, também de acordo com o livre fluir dos seus desejos - tal como acontece com as personagens da cena.

Cada um dos núcleos que se costuma formar na hora do lanche tem uma canção colectiva preparada que poderá a qualquer momento iniciar, sendo que a ideia é que todos os núcleos tenham oportunidade de cantar a canção colectiva da sua escolha, durante o tempo de duração do Intervalo-lanche. As canções que cada núcleo escolheu são, por exemplo, “Maria Capitua”; “Se fores à erva”; “Laranja da China”; “Eu fui apanhar marcela,” entre outras. Em seguida, entra uma concertina surgem músicas de cantares ao desafio e finaliza com um bailarico geral. As personagens gerem autonomamente os tempos e as acções inerentes a todo este processo. Acabado o bailarico, cada personagem arruma as coisas e deixa a cena limpa, voltando para casa com os despojos do dia. Toda a cena vai ficando mais escura à medida que as personagens voltam para casa e novamente se instala a noite.

36

6. RETORNO À CASA

Reinstalar a rotina

Depois desta grande viagem entre o real e o onírico, eis que a cena nos reconduz de volta para a casa - o espaço íntimo individualizado onde a liberdade se confina a quatro paredes. Instala-se uma dinâmica semelhante à cena 3 (CASA), entre réstias de conversas que vão diminuindo à medida que se vão instalando novamente os murmúrios do silêncio da noite.

Estilhaçando o silêncio, uma das personagens diz a lengalenga, do grilinho “Grilo grilão, salta cá fora que eu dou-te o pão..” Quando termina a lengalenga outra personagem discorda e repete novamente a lengalenga corrigindo o que refere serem erros. Uma nova personagem discorda das duas anteriores e repete novamente a lengalenga corrigindo o que refere serem os erros anteriores. Há, portanto, pelo menos três versões diferentes da mesma



lengalenga, o que inicia uma discussão geral entre os defensores da sua versão “certa”

A discussão permanecerá em despique até ao momento em que surge nova chamada para actividade. Desta vez, é O Coro que dá início ao chamamento iniciando a canção religiosa “Alerta!” ao que todas as personagens reagem, incluindo o Dono da Fábrica, voltando a vestir o casaco escuro comprido (uniforme de trabalho).

7. ALERTA! – O RETORNO À FÁBRICA

Reinstalar rotina

O Dono da Fábrica dirige-se novamente para o seu posto no centro do palco e emite vocalmente o som da sirene. Todas as personagens, envergando os uniformes de trabalho, voltam rapidamente à sua formação em estrela com o Dono da Fábrica no centro da acção. Ao seu grito de comando “Alerta!”, a formação em estrela inicia novo movimento circular contrário ao dos ponteiros do relógio, mas, desta vez, em vez de vocalizarem sons maquinais de trabalho, todas as personagens cantam o tema juntamente com O Coro, caminhando devagar como numa procissão. Ao segundo comando “Alerta!” do Dono da Fábrica, a estrela-fábrica-procissão começa a desfazer-se e as personagens encaminham-se todas para a plataforma onde está O Coro. Todas as personagens são agora O Coro, como única personagem, dirigido por uma maestrina.

37

8. O CORO – João Barandão

Coro militante

Quando termina o “Alerta!”, O Coro, personagem única, inicia a canção “João Barandão.”

9. O CORO – São Bentinho

Coro militante

Quando termina a canção “João Barandão”, O Coro inicia a canção “São Bentinho.” Quando inicia esta canção, todas as personagens podem improvisar movimentos, tornando-se livres para sair ou permanecer no coro e posicionar-se ou retomar as suas rotinas no espaço cénico. Todas as personagens podem também falar livremente desde



que se dirijam ao espaço do centro do palco, que foi designado para tal. A regra é que, de todas as vezes que alguém se dirigir a este espaço para falar, o coro interrompe-se e fica em silêncio, retomando a canção do São Bentinho do ponto em que tinha ficado quando a personagem tiver acabado de falar.

10. O INCONFORMADO

O outro de nós

Uma das personagens que fala de dentro da posição do Coro é O Inconformado, que após a sua primeira frase do texto “Deus não Existe!” (da autoria de José Eduardo Silva), volta a instalar um clima de estranheza, tal como aconteceu na cena um. Só que, desta vez, instala-se silêncio, onde antes havia indiferença, agora há desconfiança. As personagens dão espaço a O Inconformado, como que para não ter que lhe tocar, enquanto ele fala e se desloca de entre O Coro, dirigindo-se para o centro de cena. Uma vez aí chegado, O Inconformado continua a falar para todas as personagens que estão espalhas pelo palco.

O Inconformado

Deus não existe.

Disse–mo o pai do Céu.

Eu tive que agir de acordo com as circunstâncias.

Eu não sou deste lugar.

Eu não queria magoar.

Eu não comi carne.

Eu não matei animais.

Eu não tenho nada.

Eu não quero saber.

Eu queria parar a explosão.

Eu não sei.

Eu não corri o risco.

Eu não deixei a porta aberta.

Eu não apaguei a luz.

Não fui eu que estraguei.



Foi tudo rápido demais.

Eu matei uma criança com as minhas próprias mãos. Ela estava a chorar e não era possível tolerar o barulho.

Eu não pensei.

Eu tentei não pensar.

Eu não consigo dormir.

Eu tive que deixar a minha casa.

Eu não tive escolha.

Eu não pude fugir. Eu não tinha para onde fugir.

Eu fiquei petrificado perante a ideia da morte. A minha morte pessoal e a nossa morte colectiva. Agora eu consigo pensar, mas na altura eu não consegui. Eu tive que viver com aquilo atravessado no meu peito. Fazer de conta que era normal. Eu vivi como se estivesse preso num pesadelo a fazer de conta que era tudo normal. Eu não quis fechar os olhos para não ter que ver.

O que é que eu podia ter feito? De que é que me serviram as idas à catequese, as horas na missa? Que confissão me poderá trazer a paz de que eu preciso para continuar a viver como vivia antes? Quantas avé marias e quantas voltas de joelhos ao santuário me poderão devolver a paz que perdi? A vida que tirei? A vida que perdi?

E na verdade eu não podia fazer nada. Era a vida dos meus companheiros que estava em causa. Porque, se o barulho da criança a chorar se ouvisse, era a vida de todos nós que ficava em causa. Eu disse à mãe da criança várias vezes. Vocês são todos minhas testemunhas. Todos viram o sinal que eu fiz à mãe. O indicador à frente dos lábios a pedir: silêncio por favor! Por favor. Por favor.

E eu vi nas vossas caras os suores frios. O esgar de terror, com a mão nervosa na arma, como quem espera a qualquer momento uma explosão. Um grito de guerra de um pelotão inimigo a ser espoletado pelo choro de uma criança nos braços da mãe. Silêncio! Por favor. Por favor.

E eu consegui evitar a explosão. Eu vi que cada um de vocês teria feito o mesmo com o olhar. Mas o olhar não basta para fazer estalar um pescoço. E eu fiz das minhas mãos o vosso olhar. As mãos de um homem de vinte e cinco anos contra o pescoço de um recém-nascido e mais uma vez perdeu a parte mais fraca. O ramo partiu pelo lado mais frágil.



Mas não foi só aquela vida que eu roubei. Talvez tenha roubado um pouco a vida a cada um de nós, mas isso ainda é demasiado teórico. Com o meu gesto a minha vida acabou ali. Tornei-me um fantasma.

Quantas vezes pensei se não teria sido melhor enfrentar as balas. Morrer ali. Morreremos todos ali e não ficar ninguém para contar a horrível história do que é ser-se humano. Até podia ser que não estivesse perto nenhum pelotão inimigo. Até podia ser que a criança negra pudesse berrar até nos estourar os ouvidos, ou até adormecer. Mas eu nem sequer arrisquei. Eu vi. Eu vi os olhares de terror perante o pedido de silêncio. Eu vi os olhares a implorarem que eu fosse lá e a calasse. Fosse como fosse. Que se calasse. Ninguém queria correr o risco.

Felizmente deus não existe, senão nem depois da morte eu teria descanso. Não sou um homem.

Não sou branco.

Não gosto de mulheres

e ainda menos de homens.

O meu sangue é vermelho,

Como o teu,

E o teu

E o teu.

**Isso poderia tornar-nos irmãos,
mas eu não sou irmão de ninguém.**

Como aquilo que tenho no prato,

Digo bom dia,

Digo boa tarde,

sorrio e aceno com a cabeça.

E continuo a viver no inferno da minha vida,

Onde perde sempre o mais fraco,

Sempre, sempre, sempre, o mais fraco.

E eu que não sou fraco nem forte vivi sempre no terror de ver o meu próprio pescoço partir.

Mas agora basta,

Agora que sei que a morte é o fim, prefiro que venha depressa para finalmente poder descansar.

“..Esse país desconhecido de onde viajante nenhum retorna, encandeia



a vontade e antes nos faz sofrer os males que temos do que refugiar-nos noutros desconhecidos”

Agora já não.

Agora já não, Hamlet!

Agora escolho ser

e não ser.

E depois de deixar de ser, nunca mais ser nada.

(neste ponto todas as outras personagens começam a deslocar-se, preparando-se para rodear O Inconformado, como que para o cercar e encurralar. O Inconformado continua a dirigir as suas palavras a cada uma das personagens que o cercam)

Agora estou aqui. Diante de ti.

Agora já me conheces

e sabes que eu não tenho mais para onde ir.

Agora que sabes que deixei a minha casa,

Que talvez a minha história até seja semelhante à tua,

Que também já estiveste na guerra e se não estiveste bem podes imaginar o que isso é

Agora que já me sabes, sem que eu nada saiba de ti.

Que já te dei o segredo mais precioso e não tenho nada de mais precioso para dar

Por favor arranja-me um canto para encostar a cabeça,

Se puderes com um tecto onde a chuva não chegue,

Onde eu possa viver sozinho no inferno,

em guerra com a minha paz.

(Neste ponto, O Inconformado, que já se encontrava completamente cercado e encurralado pelas restantes personagens que, entretanto, fecharam um círculo à sua volta, começa a fazer as primeiras tentativas para furar o círculo e se libertar. No entanto, para todos os lados onde se dirige o grupo barra-lhe o caminho. Ele continua a falar)

Vejo que ainda não estás convencido.

Talvez aches que estou a mentir

E que escondo algum tipo de tesouro



**Do qual te poderias aproveitar.
Mas se fosse verdade,
Podes crer que to daria de bom grado,
Não me faz falta no inferno onde estou.
Se ainda assim não acreditares em mim,
em alternativa,
podes mostrar-me a faca que trazes aí escondida atrás das costas,
e espetar-me com toda a tua força aqui,
para que, se tiveres misericórdia de mim,
tudo acabe de num só golpe.
Só tens que te deixar levar,
Não pensar durante um instante,
e espetar com toda a tua força.
Acredita,
Ficar-te-ei eternamente grato.**

(Neste ponto, O Inconformado faz novas tentativas para furar o círculo que o cerca, mas a multidão, com os casacos nas mãos como se fossem armas, começa a apupá-lo e a fechar o círculo cada vez mais, parecendo decidida a um linchamento público. Até que o cerca completamente, o atira ao chão e o agride colectivamente, entre apupos, gritos e urros. Depois disto, instala-se silêncio. Ouve-se um grito de cima da plataforma, onde ainda estava a única pessoa que não fez parte deste linchamento. Era A Sonhadora, que, ganhando finalmente coragem para manifestar o seu horror perante aqueles acontecimentos, furando o círculo, corre para tentar ainda salvar o que resta de O Inconformado que, depois de linchado, tinha ficado soterrado debaixo de uma pilha de casacos. A Sonhadora afasta as pessoas do caminho que, entretanto, caindo em si, se apercebem realmente do vergonhoso acto colectivo que acabaram de cometer. Começa a retirar os casacos de cima de O Inconformado deixando o seu corpo inanimado à vista. Em seguida, levanta o seu corpo do chão e abraça-o como que lhe insuflando nova vida. A isto O Inconformado reage levantando-se lentamente do chão com a ajuda de A Sonhadora. Neste ponto, um espectador, a partir da plateia manifesta-se, recordando as palavras de um poema de Alexandre O'Neil "O medo vai ter tudo..." Em improvisação em torno deste poema, levanta-se da sua cadeira, atravessando a plateia e subindo ao palco, dirigindo-se, pelo caminho, tanto aos espectadores como às personagens comentando toda a acção que tinha acontecido até ali. Ao terminar o seu texto "Havemos todos de chegar - quase todos - a ratos. Sim, a



ratos,"O Espectador sai de cena atravessando o palco na direcção dos bastidores. A meio do percurso, é parado pelo facto de uma das personagens ter iniciado as primeiras estrofes da canção "A revolta" (texto original de Alexandre Moreira e música original de Rui Sousa):

"Já tenho saudade de ouvir falar verdade!"

11. A REVOLTA

A revolta

Depois desta primeira estrofe ser lançada, o espectador lança a segunda estrofe, após o que, uma outra personagem lança a terceira estrofe inicial da canção. Depois disto, todas as personagens em Coro, dão continuidade à canção à medida que a intensidade da música vai aumentando cada vez mais

A revolta

43

**Já tenho saudade
De ouvir falar verdade
Neste país, que diz ter liberdade
Mas só fala de austeridade
Para quem tem pouca ou muita idade.
Dizem que tudo é feito com equidade
Mas só nos traz maldade
Esta ingovernabilidade
Dum governo sem sensibilidade
Que não cuida da natalidade
E não dá futuro à mocidade.
Pois é tal a fatalidade
Que paira na sociedade.
Até já há gente com necessidade
A viver da caridade
Que aproveita a generosidade
De quem tem possibilidade.
Pois é preciso criatividade**



**E dar alguma estabilidade
Sair da passividade
Pôr tudo em actividade
Respeitar a humanidade
Ter mais honestidade
Dar ao mundo seriedade
Fazer melhor a contabilidade
E, que de nós, alguém tenha piedade!...**

Todo o Coro se vai aproximando em uníssono da boca de cena com os seus casacos nas mãos como se estes fossem uma arma ou um cartaz em plena manifestação pública. À última estrofe da canção “já tenho saudade de ouvir falar verdade!”, todo o coro unido e em uníssono, tanto física como vocalmente, assinala o último tempo da música atirando o casaco ao chão. Blackout.

FIM



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO



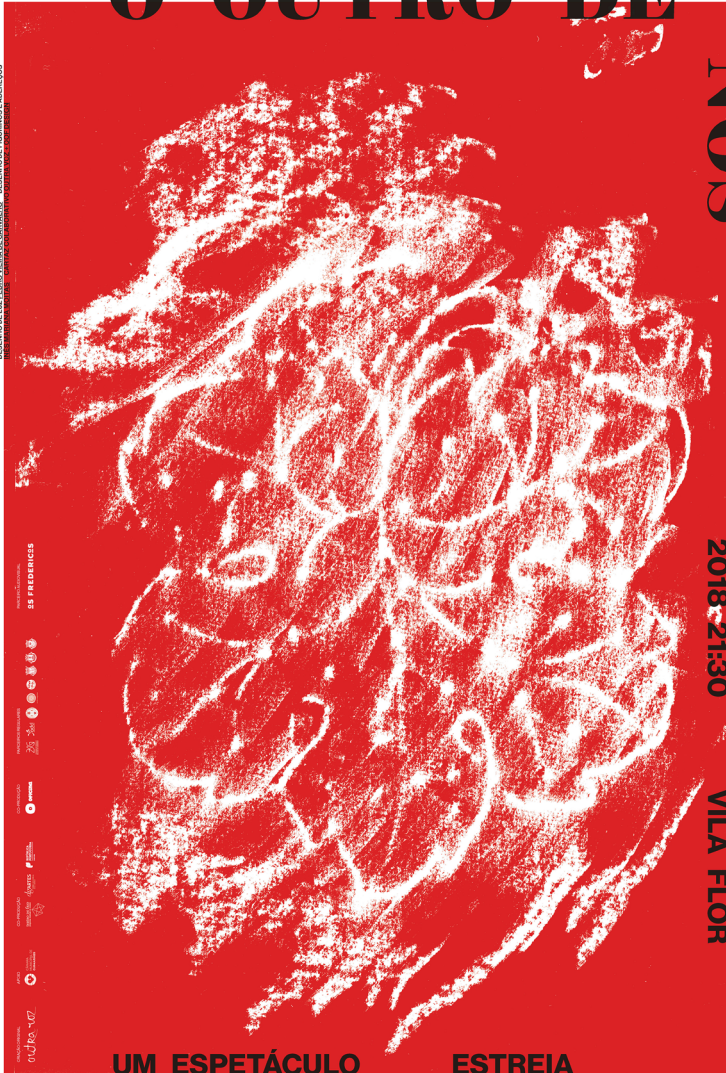


JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ

O OUTRO DE

NÓS

DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO, DESEMPENHADA E ENCENAÇÃO:
JOSÉ EDUARDO SILVA. MONTAGEM DE CENÁRIO, CENÁRIO, FIGURINO, MAQUIAGEM,
COSTUMAS E ACESSÓRIOS: ANA LOPES. MAQUIAGEM: ANA LOPES. FIGURINO:
DESIGNER DE LUZ: JORGE CARVALHO. DESIGNER DE FIGURINO: FÁBIO ROSA



26 MAIO
2018 21:30

CENTRO CULTURAL
VILA FLOR

UM ESPETÁCULO
OUTRA VOZ

ESTREIA
ABSOLUTA

SE FREQÜÊNCIAS



2018 04 27 10



PARTE I: O ESPECTÁCULO

III. Materiais de divulgação



DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CRIAÇÃO COLETIVA, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO JOSÉ EDUARDO SILVA DIREÇÃO E COORDENAÇÃO DO PROJECTO CARLOS CORREIA DIREÇÃO MUSICAL MARISSA OLIVEIRA DESENHO DE SOM JOÃO GUIMARÃES DESENHO DE LIZ PEDRO VIEIRA DE CARVALHO DESENHO DE FIGURINOS E ADEREÇOS INES MARIANA MOITAS PRODUÇÃO EXECUTIVA INES GREGÓRIO/PE DE CABRA TEXTOS ORIGINAIS DE ALEXANDRE MOREIRA CATARINA LACERDA HELENA SOUSA JOSÉ EDUARDO SILVA RICARDO FARIA

INTERPRETES ABILIO LIMA FREITAS ALEXANDRE FERREIRA MOREIRA ALEXANDRE MENDES TEIXEIRA ALEXANDRINA MARIA MENDES FREITAS ANA CARVALHO ANA ESMERALDA DA FÁRIA DA SILVA MENDES ANA FERNANDES PEREIRA ANA MARIA PIMENTA ANTÓNIO MENDES PINTO ARMANDO AUGUSTO DA SILVA FERNANDES BENJAMIN RODRIGUES MACHADO CAMILA DE MACEDO CARLA MARIA FREITAS SILVA CARMEN MARIA TEIXEIRA DA SILVA CARMINDA CASTRO CAROLINA CRISTINA SILVA FERREIRA CAROLINA PACHECO MARTINS CASIMIRO MARTINS DANIEL HENRIQUES DELFINA DA SILVA E CASTRO DOMINGOS LUIS FREITAS ABREU DOMINGOS RIBEIRO ELSA MARIA PEREIRA DA CUNHA AZEVEDO FRANCISCO SOUSA FÁRIA ISABEL LEMOS JOAO FARIA RIBEIRO JOAO MIGUEL RIBEIRO LIMA CARNEIRO JORGE ALMEIDA RIBEIRO JOSÉ FLAVIO FERREIRA CUNHA JOSÉ MARIA SILVA GOMES JOSEFA SILVA MATOS JOSEFINA MARIA MAGALHÃES ARAÚJO LAURINDA DE MATOS SALGADO LUDOVINA VIEIRA MARTINS MANUEL COSTA CUNHA MANUEL RIBEIRO GONCALVES MARIA ADELAIDE OLIVEIRA PEREIRA MARIA ALICE CARDANTE MARIA ANJOS FERNANDES VINHÃS MARIA ANTÓNIA LOPES MARIA AURORA MACHADO DA SILVA MARIA CARMO ALMEIDA RIBEIRO MARIA CARMO MACEDO RODRIGUES BATISTA MARIA CELESTE FERREIRA PINTO MARIA CÉU SILVA MARIA CONCEIÇÃO COSTA MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA MARTINS MARIA CONCEIÇÃO SILVA PEDOTO MARIA DIAS MOREIRA PINHEIRO MARIA DO CARMO MENDES MOURA MARIA EMILIA PEREIRA ABREU MARIA ESPERANCA C. SILVA MARIA FÁTIMA COSTA MACHADO MARIA FERNANDA CASTRO MARIA FERNANDA FREITAS MARIA FILOMENA FREITAS GONCALVES MARIA GORETTI M. G. FERREIRA MARIA HELENA XAVIER E SOUSA MARIA ISABEL ALVES OLIVEIRA MARIA JOSE LIMA MARIA LUCIA MACHADO DA SILVA MARIA LUDOVINA CORREIA SILVA MARIA NAZARE COSTAS MARIA ROSÁRIO MACEDO MARIA SILVA OLIVEIRA PAULA CASTRO PUREZA SILVA RICARDO MANUEL DE OLIVEIRA FÁRIA ROSA MARTINS SILVA SERAFINA CONCEIÇÃO RIBEIRO TERESA CUNHA FERNANDES MARQUES VICTOR MANUEL PEREIRA ABREU

ENSAIAADOR 1 MADALENA GONCALVES ENSAIAADOR 2 JOAO DE GUIMARÃES ENSAIAADOR 3 MARISA OLIVEIRA REGULA MUSICAL E ETNOGRAFICA PEDRO ALMEIDA COMPOSIÇÃO RUI SOUSA APOIO ENCENAÇÃO CATARINA LACERDA APOIO A PRODUÇÃO MARIA RUI SAMPAIO CARLA SILVA APOIO A SONOPLASTIA VOCAL TERESA MELO CAMPOS REGISTO FOTOGRAFICO IVO BARRIA MADALENA GONCALVES REGISTO VIDEO "OS FREDERICOS" REGISTO AUDIO QUICO SERRANO ROLANDO FERREIRA COMUNICAÇÃO BARRA CUNHA BEATRIZ VASCONCELOS CARTAZ COLABORATIVO OUTRA VOZ + GOF DESIGN

AGRADECIMENTOS AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FRANCISCO DE HOLANDA HELENA SANTOS JUNTA DE FREGUESIA DE S.TORCATO JUNTA DE FREGUESIA DE BRITELOS SANTA CASA DA MISERICORDIA DE GUIMARÃES SÓFIA SAMPAIO RODRIGO MALVAR ROSÁRIO COSTA

A INVESTIGAÇÃO DE ONDE DECORRE ESTE ESPECTÁCULO ESTÁ A SER APOIADA POR FUNDOS NACIONAIS ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA (FCT) E PELO FUNDO SOCIAL EUROPEU ATRAVÉS DO PROGRAMA OPERACIONAL DO CAPITAL HUMANO (POCH) DO PORTUGAL 2020 (BPD COM REF. SFRH/BPD/10638/2014)

"O Outro de nós", é uma caminhada na vida do abstrato. Quer-se pensar além e corrigir de procurar encontrar o modelo que não se encontra que existem em si. O modelo que é criado no outro. Não são mais os procedimentos. Em primeiro lugar, devemos nos inspirar pelas palavras de Paul Brindley para desenvolver as nossas próprias palavras, pelas palavras de Bernard Steiner de José GIL do Oitavo Livro de Babilónia, para fazer falar os nossos próprios pensamentos. Encenar e encenar os próprios atos das palavras, sempre que nos rodeiam e tentam outras vozes que competem as peças deste enorme castelo que somos nós e os outros. Depois da forma, da criação, do facto e da guerra, das recitações do passado e da audição do presente, talvez tenha sido necessário se contentar ao nível do outro, que tentamos reconstruir o corpo para olhar para o abstrato e dar um passo em frente. Agora, sabemos, não temos nada abstrato que não, antes, não. Finalmente, não somos assim tão poucos.

Depurar com um projecto como o Outro Nós devia fazer nos pensar. Assim de quem somos e de onde viemos, de para onde queremos e o que é que nos queremos fazer.

Para além da essencialidade técnica cultural e humana que nos proporcionou a riqueza de repetição sonora e registada no que foi esta investigação, um dia seguinte mais frequente deste projecto foi perceber o desejo de manter e guardar no papel de produção cultural e não apenas de a encenar. Um desejo carregado de significado e de esperança para quem pensa na cultura como algo vivo e eterno, ao qual logo quisemos associar o nosso, nos seus semelhantes e nos seus diferentes.

Foi um privilégio poder assistir e participar a transformação de pensamentos, sentidos e relações em múltiplas acções, palavras, sons, gestos e imagens, vendo os seus trabalhos-se progressivamente em funcionamento, que, a de todos nós. Procuramos desde forma dar continuidade à história de submissão humana que olhamos a memória, o corpo e a vida de futuro. Uma continuidade que nunca deveria ter sido interrompida, nem pelo cultura, nem pelo abstrato, nem pelo provocatório de comportar nos pensamentos profundos, antigos e argumentados. Não há benefício que possa compensar os seus resultados pelo essencialmente processo de uma memória colectiva em acção, pois a não ser humano e incalculável. Faltava de resistência do Outro nós, porque quando nos

distanciamos reduz a uma criação imposta de consumidores de bens culturais, estamos subdesenvolvidos e perdemos um sentido, que de forma tão necessária nos pertence à nossa própria identidade - um senso profundo como uma féria, sempre a existência de que nasce inspiração.

Turnando inspiração em artigos e pensamentos do passado e da actualidade para desenvolver a nossa própria identidade. "O outro de nós" cultural, pelo menos, não é um fenómeno que se encontra profundamente interligados. O primeiro é a diversidade ou possibilidade de ser que cada um de nós encarna, por viver em o saber. É o segundo é a diversidade de que é composto o mundo, em toda a sua multiplicidade de línguas, de sabores, de matizes, de modos de estar, fazer e pensar. O segundo, por um lado, se "sabemos" que cada um de nós possui a querria ser; mas que demasiado vezes se deixa inspirar, não por vontade própria mas pela mão, seja porque se inspiramos de nós nos inspiramos essa impossibilidade, mas deixando nos empurrados e reduzidos nos nossos regimes de vida. Por outro, a diversidade de pessoas, línguas, sons, prosa e cultura humana, que são a expressão feita de outros modos possíveis de construir mundo. Sem esquecer a apreciar essa diversidade em toda a sua legitimidade, falamos em perceber e construir a nossa própria identidade, criando o nos de a estar sempre em mundo, cada um de nós globalizado e mediado.

Não nos deixemos enganar mais. Citar arte e cultura é construir o mundo. É reconhecermos a nós mesmos, nos nossos próprios termos.

José Eduardo Silva



1. Cartaz A (50 x 70 cm)
2. Flyer (A5)
3. Folha de Sala (A4)



4.	8.
5.	6.
7.	

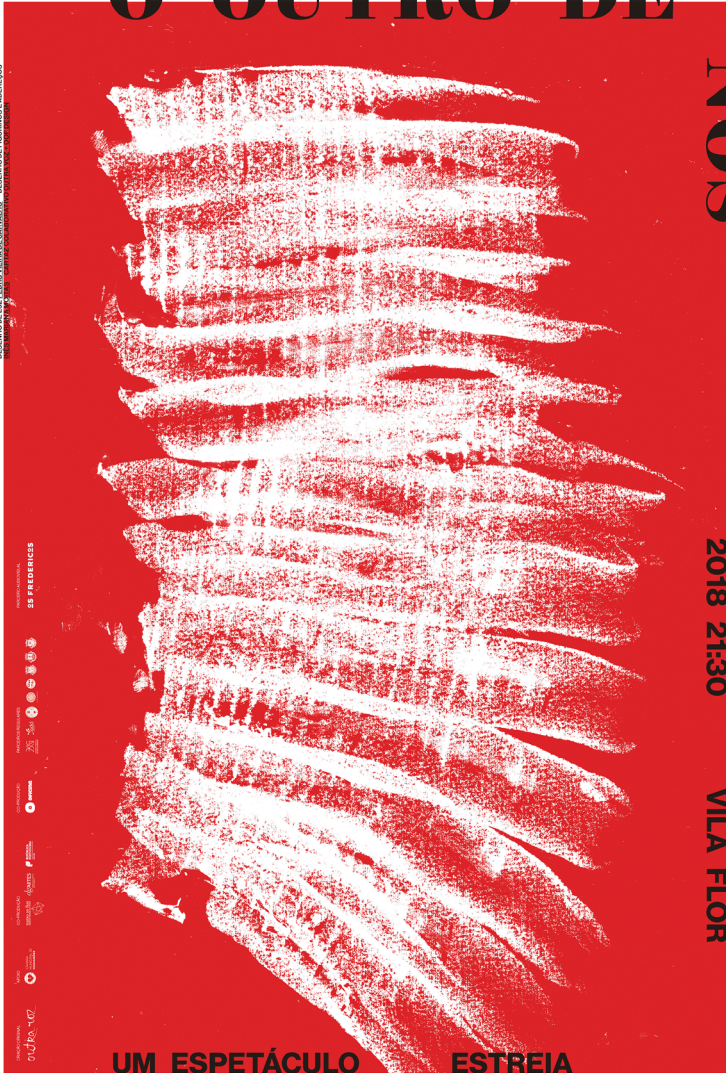
4, 5, 6 e 7. Oficina de criação de imagens para o cartaz com os participantes
8. Cartaz A (50 x 70 cm)



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

O OUTRO DE

NÓS



DIREÇÃO ARTÍSTICA DA CRIAÇÃO DO SETA, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO
ROBERTO MOURA | DIREÇÃO DE CENÁRIO E FIGURINO
LUCAS COELHO | DIREÇÃO DE CENÁRIO E FIGURINO
DESIGN DE LUZ PEDRO TAVARES | DESIGN DE FIGURINO E ACESSÓRIOS

SE FREDERICIS



2018 19716

26 MAIO
2018 21:30

CENTRO CULTURAL
VILA FLOR

UM ESPETÁCULO
OUTRA VOZ

ESTREIA
ABSOLUTA





PARTE II

O PROCESSO

A cronologia e os excertos etnográficos apresentados abaixo são retirados do diário e das notas de terreno do encenador José Eduardo Silva, ao longo de todo o processo criativo e dos ensaios de O Outro de Nós. A esta cronologia acrescentou-se algum material produzido, nomeadamente, pelos elementos da Outra Voz ao longo das diversas fases do processo. Os excertos apresentados são de uma etnografia que foi sendo construída postumamente a cada ensaio ou encontro, tendo sido anonimizados alguns nomes e locais, de acordo com a ética e a prática comuns. Apesar das revisões realizadas aos textos para edição, considerou-se que o imediatismo impressionista original da linguagem na maioria dos apontamentos devesse ser mantido por representar mais fielmente os pensamentos e emoções que acompanharam o curso do processo.



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





PARTE II: O PROCESSO

Capítulo I: Primeiros ensaios exploratórios

I. Preparação e reconhecimento dos grupos

13/10/2016 REUNIÃO PREPARATÓRIA, PORTO

Sob a proposta inicial de partir da ideia de “o outro”, este projecto toma inspiração inicial na obra póstuma de Raul Brandão *O pobre de pedir*. O encontro veio na sequência das ideias que foram sendo trocadas sobre o projecto, tendo-se concluído que seria desejável haver alguém que fizesse a direcção musical – uma vez que eu, sem conhecer profundamente a matriz do grupo e não me sendo possível dispor de tempo suficiente com o grupo todo (para explorar a vertente do património musical e artístico), poderia focar-me mais na vertente corporal desproletarizadora e desautomatizante, com vista ao incremento da participação dos intervenientes. Neste sentido, pareceu-me ser uma escolha acertada incluir alguém que tivesse já trabalhado musicalmente com a Outra Voz em diversas ocasiões para fazer a direcção musical. Nesta reunião, trocaram-se ideias sobre os pressupostos do projecto em termos da procura de uma ligação à diversidade de contextos e realidades onde vivem e se movem os elementos da Outra Voz (Briteiros, Guimarães-centro, Lordelo, Nespereira, Pavidém, S. Torcato) tendo em vista um envolvimento maior dos participantes nos processos de decisão que ocorrem ao longo do processo criativo.

53

EXCERDOS DE POBRE DE PEDIR DE RAÚL BRANDÃO

EXCERTO 1

- « - Jesus Cristo há-de voltar para nos dar a terra.
- Voltar?!
- Os pobres hão-de ser sempre pobres.
E o Fortunato:
- Sempre. Sem pobres, acabava-se o mundo.
- O mundo é dos pobres!»



EXCERTO 2

« - Vi-o!

Também a senhora Emília, cada vez mais apagada e humilde, o espera com o olhar que revela um peso insuportável.

Sentada no lar, não tira os olhos de Fortunato. Vai-lhe falar? Não se atreve. Não bolem, ele negro e curvado, ela em frente com a boca sumida e as cinzas frias ao meio dos dois a separá-los. Amar não é nada. Amar na dor e na desgraça é que é a lei suprema da vida.»

EXCERTO 3

«O Fortunato, que nunca comeu à sua vontade e que trabalha até à morte, a velha que não fala e nunca se queixou, a Rosa e o ladrão que anda a monte, o criado que os serve há tanto anos sem receber soldada, ouvem o Manco e deixam apagar o lume reduzido à ponta de um cigarro. Na grande mudez e no silêncio sente-se o arfar reprimido dos peitos.

54

- Jesus Cristo há-de voltar para nos dar a terra.
- Voltar?! Os pobres hão-de ser sempre pobres.
- Não - teima o Manco, com o cigarro ao canto da boca -, os ricos que fiquem com o dinheiro, mas a terra é dos pobres.»

EXCERTO 4

«Todos eles vêem uma sombra no pobre maravilhoso. Aparece nas eiras e olha com cólera para os homens e para os punhados de milho secos e escassos. Receiam-no e calam-se e o Pobre cala-se, também suspenso, e segue o seu caminho...

- Tu viste-o?
- Vi-o!
- Como é o pobre?
- Mete medo...
- E que te disse?

Pára o trabalho nos campos e o homem da terra ergue-se e endireita o espinhaço.»

EXCERTO 5

« - Dá-nos a terra! A terra é que nós queremos!

O vulto não responde.

- Dá-nos a terra com que trabalhamos, para comermos o pão que criamos!



E Ele não responde. Os pobres vociferam cada vez mais alto - e Ele escorre sempre, mas não diz palavra. Não lhes pode fazer nada e sua aflição. Vêem-no fugir pela estrada com aquela gente atrás e o caseiro que me serve há oitenta anos bate com os joelhos em terra e brada de mãos erguidas:

- Ascorda-me! ascorda-me deste sonho, que eu já não posso mais!

Quem fala é o Manco que se ri exclamando:

- A terra é dos pobres!»

EXCERTO 6

«Nesse instante, até a própria natureza muda de aspeto. Transformarem-se os homens e as árvores. E a voz de alguém que me quer rebaixar, não sai dos meus ouvidos: - Ó coisa, tu ouves ou não ouves? Ó coisa, chegou a igualdade!»

IDEIAS SOBRE O LIVRO

• “eu não sou aquilo que queria ser” – a ideia que parece omnipresente através do livro

• a ideia do “Zikr”: é muito interessante na medida em que esta tradição sufi é uma forma de transcendência, uma aproximação ao divino através da repetição, respiração cíclica e frenesim colectivo. Quando eu mencionei que o livro parecia ter três diferentes ritmos, é importante referir que o último capítulo tem uma toada reconciliadora com o divino. E o que motiva essa reconciliação é o segundo momento, ligado à perda, à tragédia, o tal que é mais frenético. Aqui pode talvez haver um paralelismo. No geral, Zikr é uma oração a deus em várias tradições. Daí que encontrarão vários tipos de Zikr. O que nos referimos, é a forma que este tomou na Chechénia. Alguns links:

<https://www.youtube.com/watch?v=G5goISKPSH8>

<http://www.nytimes.com/2006/05/24/world/europe/24grozny.html>;

<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/transcaucasia/chechnya/general/zikr/>

• “agora estou nu diante das estrelas” – A última frase do livro. Todas as máscaras caem? A voz humana é mascarada pela palavra?

• a associação da palavra à emoção. A palavra e a emoção que a primeira por si só, não consegue comunicar...

• a ideia do outro – o seu olhar sobre mim, o meu próprio olhar como outro em relação ao meu “eu”; o meu olhar sobre o outro



- **Da estrutura da apresentação, falamos sobre:**
 - a ideia de existirem duas dramaturgias, a do monólogo e uma outra para a paisagem sonora
 - dividir o grupo grande em pequenos grupos com um trabalho específico... exemplos:
 - grupo que experimenta sons (atribuir sons a emoções??);
 - um grupo de declamação (aquela ideia de alguém que assume o meio de cena para dizer algo);
- Mais alguns grupos, uma vez que isto se reflecte na sonoplastia e porventura, caso se justifique, em formações paralelas ao trabalho dos ensaios regulares.**

24/01/2017

Neste dia, foi o primeiro reconhecimento efectivo dos grupos e onde iria tomar contacto com o trabalho inicial de levantamento de memórias sonoras e imaginários das diferentes comunidades. Neste dia, iriam ser visitados dois grupos nas suas horas normais de ensaio semanal e mais dois grupos em cada um dos dias seguintes. No caminho, trocaram-se algumas impressões gerais sobre o trabalho e ouvi algumas gravações que tinham sido feitas em cada um dos grupos.

Primeiro reconhecimento

No primeiro grupo, o ambiente era muito informal e descontraído. As apresentações foram feitas tranquilamente, bem como a apresentação do novo projecto, que foi bastante bem-recebido, e o ensaio foi começando sem que se desse muito bem por isso. Os exercícios propostos ao grupo tal como tínhamos combinado eram baseados no ritmo e nas memórias, com realce para o som das sirenes das fábricas e o som das máquinas em que os operários fabris trabalhavam. As pessoas foram também convidadas a contar algumas histórias do seu passado. Sobretudo os exercícios que conseguiam um envolvimento colectivo despertaram interesse tanto em nós como no grupo.

Segundo reconhecimento

Fiquei impressionado com a diferença entre os grupos e dinâmicas de grupo dentro do mesmo concelho, mas o meu espanto só poderia dever-se ao meu desconhecimento e imponderação pois seria bem mais estranho que não existissem diferenças notórias. Nesta localidade, guardam-se ainda traços



vincados de ruralidade. A dinâmica do grupo era vibrante e o imaginário que foi explorado estava ligado às actividades agrícolas e à transformação da pedra (granito). A nossa abordagem neste grupo foi relativamente parecida com a anterior (aliás, foi transversal a todos os grupos) e permitiu realizar algumas experiências colectivas do acto sonoro de espremer as uvas numa dorna dentro do lagar, associando movimento colectivo ritmo e melodia. Para além do seu interesse estético, interessaram-me sobretudo as dinâmicas de grupo e a sua transmutação contínua.

Aqui, apercebi-me dos actos de “casar as pessoas”: onde se diziam frases com recurso a um funil: “vai casar!” – “Quem?” – “Fulano” – “Com quem?” – “Com fulana!” – (Risos) “E o que lhe havemos de dar?” – “Um penico” etc. Tudo isto deverá ser dito a gozar e a rir. Outra na Páscoa: “Vai-te confessar que vem o demónio que te vai matar.” Não sei muito bem o que pensar disto. Por um lado, é reflexo de uma tradição de pressão social com tendências fortemente normativas (e.g., discriminação e exposição pública de características ou comportamentos diferenciados; do catolicismo como norma; da confissão como salvação), por outro é exactamente isso que me está a ser apresentado como memória sonora que ficou de um passado. Ficou incorporizado nas memórias e não parece poder ser alvo de nenhuma reflexão crítica sobre o seu conteúdo.

A música da “pedrinha” é extraordinária. Trata-se de um ritmo sonoro contínuo e “mandado” utilizado pelos pedreiros para deslocar pedras de grandes dimensões. Cada pedreiro utiliza um ferro como alavanca e o ritmo contínuo serve para sincronizar os esforços de cada um dos pedreiros para o objectivo comum de deslocar a pedra ao som de um “Oupa!”, “Oupa!”, “Oupa”, continuamente repetido. Enquanto o mandador vai improvisando frases para a pedra, dentro da melodia “Ànda... anda... anda linda anda...” ou “Oupa... oupa... anda pedra linda...” ou ainda dentro do ritmo e da melodia, mas em outra linha “vamos para a esquerda!”, as possibilidades são praticamente infinitas tudo depende da criatividade e habilidade. O conjunto é verdadeiramente emocionante e imagino imediatamente os últimos cento e cinquenta anos, ao longo dos quais esteve a ser construída uma enorme catedral.



25/01/2017

Terceiro reconhecimento

O terceiro grupo revelou igualmente materiais e dinâmicas interessantes. Uma das que mais me impressionou é memória de um chamamento do boi (aboio) que é verdadeiramente sublime e foi maravilhosamente executado (vivo, carregado, extraordinariamente genuíno). Claramente, foi um dos elementos com potencial, em volta do qual foram realizadas e gravadas em áudio algumas experiências tanto a solo, como em coro com e sem resposta. As memórias dos costumes acima descritos parece que lembram um imaginário local comum que unifica os grupos das várias partes do concelho (o casar, o confessar, o fazer pouco no carnaval etc). O exercício das sirenes das fábricas e dos barulhos e ritmos das máquinas tem aqui uma ressonância muito especial. As dinâmicas que são geradas a partir dessas ressonâncias parecem-me ter potencial e o grupo também me parece animado com a perspectiva do novo projecto.

58

Quarto reconhecimento

Uma vez que neste quarto grupo nem o imaginário rural, nem o fabril estão muito presentes nas vivências, procurou-se aqui uma abordagem um pouco distinta. Nesta sessão, trabalhou-se sobretudo as histórias e o exercício das histórias simultâneas. Procurou-se introduzir elementos de aleatoriedade, primeiro nos exercícios das histórias, depois em exercícios com sons em círculo onde alguém no meio do círculo dirigia a parte exterior como se fosse um maestro a dirigir uma orquestra. A dinâmica instalada foi sendo participada por todos e mostrando potencialidades também interessantes, contendo elementos de improvisação e aleatoriedade que cada participante poderia gerir à sua vontade.

26/01/2017

Quinto reconhecimento

Este grupo foi recém-formado. Propôs-se o exercício do zip zap, que me pareceu ter instalado uma boa dinâmica. Isto é muito importante para que os participantes se possam sentir à vontade e encontrar o seu espaço para criar. Numa espécie de sistematização do trabalho levantado até ao momento há já elementos muito interessantes para utilização futura. Aboios, lengalengas, histórias, músicas de trabalho e de lazer, rituais e o hábito antigo de as pessoas falarem umas com as



outras alto para fazer passar uma mensagem (independentemente do conteúdo), os movimentos sincronizados entre muitas outras coisas parecem-me que poderão fazer de alguma maneira parte do objecto estético final.

Sexto reconhecimento

Mais uma vez, se revelam diferenças naturais entre grupos. Depois do aquecimento e dos exercícios propostos que incluíram o contar de muitas histórias e piadas, o ambiente ficou particularmente descontraído e divertido. No exercício final, os participantes ficaram sentados em roda e alguém começava a contar uma história e deixava num ponto em que a pessoa seguinte tinha de dar continuidade. Depois de compreendida a dinâmica, com a participação e contributo de todos, foram criados momentos verdadeiramente hilariantes durante o exercício.









JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





PARTE II: O PROCESSO

Capítulo I: Primeiros ensaios exploratórios

II. Encontros e ensaios colectivos

28/01/2017 (PAVILHÃO EGAS MONIZ, GUIMARÃES)

Ca-ta - pa-na pa-na pa-na Os tam - boressão de Vi - a - na Ar-re - ben-ta-se'u-ma

pe - le bo - ta'se ou - tra p'ra se - ma - na

Com cerca de sessenta participantes, iniciou-se com um breve aquecimento seguido do alinhamento colectivo de algum do material que tinha sido levantado nas últimas semanas. Quanto a mim, a preocupação era ainda a de conhecer o grupo, deixá-lo dar-se a conhecer de forma aberta e horizontal.



Fizemos uma circunferência onde toda a gente podia ver toda a gente. Introduziu-se um ritmo e o exercício era que cada pessoa fosse ao centro, dissesse o seu nome de três maneiras diferentes e, em cada uma das vezes, o grupo tentaria imitar o nome em unísono. Uma vez que era muita gente, o exercício demorou muito tempo a ser completado. Parece-me verdadeiramente que o tempo será uma questão muito importante a ter em conta neste projecto.

Em seguida, demos início ao fórum. Cada uma das pessoas apresentou-se e foi dando ideias para o projecto:

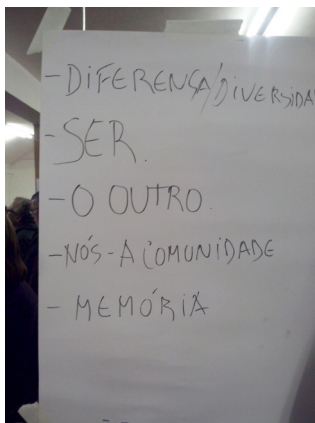
DIFERENÇA/DIVERSIDADE

EU E O OUTRO

SER.

NÓS A COMUNIDADE

MEMÓRIA/RECORDAÇÃO



O ensaio terminou um pouco precipitadamente porque as camionetas estavam a chegar para levar as pessoas para suas casas. O próximo encontro colectivo ficou marcado para o dia 18 de Fevereiro.



18/02/2017 PAVILHÃO EGAS MONIZ

Trava-línguas

Debaixo da pipa, está uma pita A pita pia, a pipa pinga

Começámos com alguns exercícios clássicos de caminhar pelo espaço, com e sem comando externo, onde o grupo mostrou coesão e sincronicidade, descontraíndo e tornando-se mais espontâneo à medida que os exercícios iam decorrendo. Em seguida, voltámos todos a circular pelo espaço, reconhecendo as pessoas à volta, mas procurando todos ir acertando num passo comum até que a sala estivesse toda ela sintonizada num ritmo comum, depois de algumas variações de ritmo e da instalação de várias qualidades interessantes de som na sala, o ritmo foi sempre diminuindo até nos instalarmos num grande círculo em volta da sala. Os vários exercícios mostraram capacidade dos participantes em dar a sua atenção ao outro e explorar possibilidades que os exercícios poderiam conter.

Instalou-se em seguida uma sonoridade comum que poderia envolver, por parte dos participantes, o corpo e a voz de forma livre. Após algumas tentativas, instalou-se uma interessante sonoridade geral. Todo o grupo se deslocou pela sala (como no exercício inicial), cada pessoa com o seu som e ritmo. Depois de alguns minutos, voltámos à formação em círculo, sem que o ritmo se tivesse perdido, e brincámos um pouco com os volumes até ao volume mais baixo. E ao silêncio.

Após este exercício, repegando algum do trabalho da sessão anterior, constituíram-se diferentes grupos, cada um com um excerto de uma música popular que se encaixariam umas nas outras: Ó brux-ó bruxa põe a mão no chão/ o lencinho vai na mão ele vai cair ao chão/ eu tenh'um pião um pião que dança/

Depois do intervalo, iniciou-se a conversa com o grupo. Algumas pessoas foram manifestando as suas opiniões acerca dos exercícios, onde se compreendeu que há uma certa novidade e desconfiança. O grupo é relativamente heterogéneo e é, até certo ponto, bonito pensar que todas elas se encontram e se juntam



descomplexadamente no contexto de participar num espectáculo em que têm de cantar em conjunto, mas não têm que falar abertamente sobre nenhum assunto em particular.

MÁQUINAS E FÁBRICAS/SONS HISTÓRIAS MÚSICA IMPROVISO CANTILENAS (TRABALHO) JOGO DAS CARTAS REPERTÓRIO OUTRA VOZ MIXÓRDIA DE MÚSICAS E SONS NO MESMO RITMO.	PASSADO/ PRESENTE
--	--------------------------





Será que a introdução de temas e o deixar que as pessoas expressem livremente coisas que querem dizer pode trazer algum tipo de constrangimento? Será que vai ser possível tornar este processo pacífico entre todos os participantes depois das necessárias conturbações e disrupções do processo criativo? Creio que é algo que necessariamente terá que tomar o seu tempo para que possa ser compreendido. É, sem dúvida, uma questão sensível. Talvez na próxima sessão devamos começar com a conversa no início e depois passarmos para os exercícios. Experimentar diferentes formas e formatos de trabalho com o grupo parece-me algo de importante.

25/03/2017 ENSAIO ACADEMIA DE BAILADO DE GUIMARÃES

Previamente ao ensaio, houve uma reunião para se fazer um ponto de situação sobre o processo e as possíveis parcerias com o CCVF, a Câmara Municipal de Guimarães, o Erasmus +, a UP, entre outras possibilidades. Isso seria excelente e um enorme passo de empoderamento para o grupo e o ambiente geral é optimista.

O ensaio que se seguiu neste dia foi na academia de Bailado de Guimarães que, apesar de não ser um espaço tão grande, revelou-se ser bem mais confortável e intimista do que o pavilhão Egas Moniz.

Começámos pela conversa, tal como tínhamos querido experimentar após a sessão anterior. Algumas pessoas apresentaram poemas, canções, trava-línguas e lengalengas, outras contaram histórias relevantes para si: de quando estiveram na guerra; de quando voltaram para Portugal depois de uma vida nas colónias; de como conheceram o “Amor da sua vida” (muitas das pessoas participam na Outra Voz enquanto casal), entre muitas outras coisas. Algumas destas pessoas são verdadeiras enciclopédias vivas com uma extraordinária memória incorporizada das coisas. Assim se vão começando a conhecer melhor as pessoas do grupo. E que pessoas.

A impressão que me ficou mais fortemente gravada nesta sessão foi uma história contada por um dos participantes sobre um episódio de guerra que ele próprio vivenciou, em que o chefe do seu pelotão durante uma missão no mato “silenciou” uma criança que chorava ao colo da mãe, para que esta não fosse ouvida pelo pelotão inimigo. Apesar de, para a pessoa em questão, este episódio ter sido assumidamente contado como um episódio particularmente



marcante no meio de outros episódios marcantes (tiroteios, cercos, vida em risco etc), para quem esteve na guerra (e ali estavam várias pessoas que tinham estado), aparentemente esta era uma situação relativamente normal, o que ainda aumenta mais o absurdo, o inimaginável e o inexplicável. Para mim, que não estive e desejo intensamente nunca vir a estar no absurdo de uma situação de guerra, é algo que me escapa. Nunca conseguirei compreender o que é estar nessa situação, por muito que veja filmes ou leia livros acerca do assunto. É uma daquelas situações que me apresenta tantas contradições e relativamente à qual tenho tantos sentimentos contraditórios que não faço a mínima ideia do que faria se estivesse nessa situação ou em risco de vir a estar nessa situação ou sequer o que é voltar à “normalidade” dos dias depois de ter estado nessa situação. E, no entanto, eu estava ali naquela mesma sala com várias pessoas que passaram por todo esse processo: foram, estiveram e voltaram – se eu tivesse estado no lugar deles é provável que tivesse feito exactamente as mesmas coisas, ou seja, procurado sobreviver para voltar à normalidade o mais rapidamente possível e aguentar enquanto esse dia não chegava.

68

Não sei se foi pela maneira como aquela história em particular nos foi contada (nem exaltada, nem comovida, apenas talvez sincera mas sem que eu saiba definir melhor), mas as sensações que espoletou em mim foram novas. A história aconteceu à minha frente e foi como se literalmente me tivessem dado um pontapé com as palavras. Foi uma sensação física de ter recebido uma pancada, que me foi dada apenas com palavras e que nunca tinha tido antes na minha vida em nenhuma conversa, em nenhum espectáculo, em nenhuma performance.

Voltámos ao quadro onde se registavam as ideias e os temas para o espectáculo.





MARCAS DO TEMPO

- DESRESPEITO PELO SER HUMANO
- GUERRA
- FUGIR DA GUERRA
- RETALHOS

- FADO
- ADEUS SOLIDÃO – CARMEN SILVA
- MAMÃE – CONJUNTO OLIVEIRA MUGE
- LÁ LONGE ONDE O SOL CASTIGA MAIS – PACO BANDEIRA
- GUINÉ – SR. JOÃO
- A GUERRA DA PICADA
- LÁ EM BAIXO LARAIXO – D. FERNANDA

**27/05/2017 ESPECTÁCULO “AFASIA TÁTICA”
(DE JONATHAN SALDANHA) CULTURGEST, PORTO**

Um trabalho muito interessante num espaço muito interessante. Com uma profunda base sonora, quase hipnótica, fez-me pensar nas imagens em Meca nos muçulmanos em volta da torre sagrada.

**29/05/2017 (A 10/06/2017) SEMINÁRIO DE ESCRITA
COM JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES**

Onde começaram a ser desenvolvidas as primeiras páginas do texto “Deus não existe” – o monólogo final do Inconformado no espectáculo *O Outro de Nós*.



2 - Cantilena - Lá em baixo laralxo, laralxo

Lá em baixo, laralxo, laralxo
 D, avenida, larida, larida
 Um velhote, larote, larote, escorregou, larou
 Agarrou-se, larou-se, larou-se
 Ao meu vestido, larido, larido
 Nem as pregas, laregas, laregas me deixou, larou

3 - Canção: Manel cuco

O meu pai é Manel cuco
 " " " "

Minha mãe, mãe, mãe } Bis
 " " " "
 Minha mãe, cuca Maria

Lá em casa tudo é cuco
 " " " "

Tudo é, é, é, tudo é, é, é } Bis
 " " " "
 Tudo é uma cucaria

M. Fernanda

Esta buva torta trola
 Esta buva torta trola,
 Trola, trola a buva torta,
 Tainca a munta, a munta trola
 Trola a munta ao pé da porta.

"bo"

Esta é a mão direita
 a esquerda é esta mão
 Com esta digo sim
 Com esta digo não
 Levanto a direita ao céu
 Apinho a esquerda ao chão
 Agora já começo
 Já não faço confusão.

"rexe"

Janeiro, gear
 Fevereiro, chover
 Março, encanar
 Abril, espumar
 Maio, enfiar deca
 Junho, ceifar
 Julho, debulhar
 Agosto, enfiar deca
 Setembro, vitimar
 Outubro, resolver
 Novembro, semear
 Dezembro, nascer

(Nascer um deus para a vida eterna)



11/06/2017 VISITA COM O GRUPO À PLATAFORMA DAS ARTES SEGUIDO DE PIQUENIQUE E ENSAIO NO PARQUE DA CIDADE, GUIMARÃES

A seguir a esta visita guiada ao espaço e aos diferentes momentos do “Auto das barcas” (espectáculo que iria ser realizado entretanto pela Outra Voz juntamente com os velhos Nicolinos), todos se dirigiram para o Parque da Cidade para dar início a um momento excelente de comezaina. Neste caso, era um piquenique, para o qual toda a gente tinha trazido farnéis, bebidas e especialidades várias. Escolheu-se colectivamente o lugar no parque sem complicações, estenderam-se as mantas, tiraram-se as garrafas, os tupperwares, os talheres, os pratos e deu-se início ao repasto. Foi para mim a primeira vez num piquenique ao ar livre com a Outra Voz e, apesar de ter levado pouca coisa, várias pessoas me vieram oferecer das suas iguarias que fui provando de bom grado. A ideia era, tal como tínhamos combinado, continuarmos descontraidamente a conversar em fórum (tendo em conta que muitos dos participantes não estariam neste evento) sobre os pressupostos do projecto que estávamos a levar a cabo e eventualmente (se houvesse vontade para isso), continuar a partilhar pequenos momentos performativos, histórias, vontades, desejos, etc.

71

Enquanto tomávamos café, foram-se trocando ideias e contando histórias acerca das vidas. Do meu ponto de vista, aquelas histórias poderiam ser perfeitamente parte do nosso trabalho. Expliquei que elas representavam conhecimento profundo acerca do mundo e que mereceriam ser ouvidas. Que se não fôssemos nós a contá-las talvez nunca ninguém delas soubesse. Fiquei surpreendido com os olhares incrédulos, mas rimo-nos e saímos do café.

A conversa em roda foi particularmente interessante. Creio que consegui ir mais longe do que nunca antes explicar quais as minhas ideias dos pressupostos do espectáculo: que teria a ver com tudo aquilo que as pessoas que fizessem o espectáculo quisessem mostrar; que não seria um espectáculo acerca de mim (não só, mas também porque eu também sou aquilo que digo e as ideias que tenho), mas sim acerca de quem entrasse no espectáculo; que os ensaios eram um local onde todos poderiam participar da maneira que desejassem e que todos os contributos seriam bem-vindos independentemente de quais fossem - se viessem por bem. O meu papel ali seria o de sobretudo ajudar a viabilizar as ideias de cada um ou do conjunto de forma a que, no final, todas as ideias se pudessem articular e formar uma só grande ideia complexa no palco do GA do CCVF. Entre muitas outras coisas que se disseram, pareceu que finalmente estávamos a clarificar-nos entre nós.



Seguiram-se algumas apresentações performativizadas, quase todas cómicas, anedotas, chistes, histórias, canções individuais e em conjunto. Houve vários pontos altos onde objectivamente me apercebi de capacidades e talento de vários dos participantes. Num exercício final, partilhei com o grupo uma canção a duas vozes que tinha aprendido há já vários anos, após o que fizemos um exercício de percorrer o espaço a cantar criando uma relação com os olhares. Um exercício também um tanto hipnótico, mas que me pareceu ter resultado num certo prazer para os participantes que o quiseram fazer – algumas pessoas (4 ou 5 de cerca de 50) mais desconfiadas ficaram de fora. Terminámos a sessão ainda com algum sol de fim de tarde dos longos dias de Junho. Saí dali satisfeito, cheio de tudo o que tinha sido visto, ouvido, sentido e partilhado. Parece-me que temos caminho.

Por aquela serra acima

72



Que lhe cortaram o rabo, o rabo, o rabo,

Para a fita do chapéu, péu, péu.

Por aquela serra acima, acima, acima,

Vinte e Cinco cegos, vão, vão, vão.

Cada cego leva um moço, um moço, um moço,

Cada moço leva um cão, cão, cão.



08/07/2017 PAVILHÃO EGAS MONIZ

Lengalenga: ERA UMA VELHA FURUNFUNFELHA

Era uma velha furunfunfelha, maracutelha
Que tinha um porco furunfunforco, maracutorco
Vinha uma mosca furunfunfosca, maracutosca
Mordia-lhe o focinho furunfunfinho, maracutinho
Um dia a velha..... furunfunfelha, maracutelha
Foi-se queixar ao Juiz furunfunfis, maracutis

Ó Sr. Dr. Juiz:

Eu tinha um porco furunfunforco, maracutorco
Vem uma mosca furunfunfosca, maracutosca
E morde-lhe o focinho furunfunfinho, maracutinho

Ó sua velha:

Quando tu vires a mosca .. furunfunfosca, maracutosca
Morder-lhe o focinho furunfunfinho, maracutinho
Pegas num pau furunfunfau, maracutau
E matas a mosca furunfunfosca, maracutosca

Um dia velha furunfunfelha, maracutelha
Viu poisar uma mosca na cabeça do Juiz ... furunfunfis,
maracutis
Pegou num pau furunfunfau, maracutau
E rachou a cabeça do Juiz ... furunfunfis, maracutis

Foi o último ensaio antes de férias onde me apercebi das dinâmicas instaladas e das características profundas do grupo. Neste último ensaio antes das férias, a ideia era dar continuidade ao trabalho que tínhamos vindo a desenvolver, não apenas no sentido de fortalecer a identidade do grupo, mas também a de cada indivíduo dentro do grupo. Nesse sentido, todos tinham já sido várias vezes convidados a escrever alguma reflexão sobre alguma coisa sobre a qual quisesse falar a apresentar ao grupo, ou alguma coisa que tendo sido escrita por outrem, fosse suficientemente significativa para ser partilhada igualmente com o grupo.



O ensaio começou com umas destas apresentações, mas poucas pessoas fizeram este exercício. Algumas procuraram contornar o problema indo buscar à internet documentos pré-feitos sobre assuntos diversos, que nem chegaram a apresentar (entregaram apenas os papéis em mão), outras pessoas introduziram problemáticas entregando resmas de papel. Poucas também entregaram materiais aos ensaiadores, ao contrário do que tínhamos reiteradamente combinado. Apesar de tudo isto ser um tanto desapontante, o mais importante será compreender. Talvez. É de notar que a acústica neste espaço é horrível e absolutamente imprópria para o tipo de temas intimistas de que estávamos a tratar pois qualquer ruído que alguém fizesse ecoava e interrompia o que quer que estivesse a acontecer. É tão fácil destruir coisas frágeis como a comunicação ou castrar a possibilidade de alguém se exprimir perante um grupo. Por outro lado, é bem difícil perceber que em determinadas circunstâncias é preciso criar todas essas condições para o outro poder ser como é – e por vezes nem assim ele conseguirá sentir-se suficientemente à vontade para ser genuíno.

É incrível a importância do espaço – proxémia – na construção ou destruição de relações e de comunicação, sobretudo quando se juntam no mesmo espaço cerca de 50 pessoas com o intuito de discutir assuntos de forma significativa e finalmente chegarem a um qualquer tipo de entendimento. Mas dado que quase ninguém tinha trazido coisas para apresentar e era isso exactamente que estávamos ali a fazer, fez-se o convite para que as pessoas pudessem participar com histórias suas e da sua escolha (por exemplo, histórias pessoais). Foi algo que também estava perfeitamente em sintonia com o nosso trabalho. À semelhança do que tinha acontecido na sessão da Academia de Bailado (onde a acústica era excelente), estas histórias, em viva voz, eram absolutamente impressionantes, pungentes, comoventes e notava-se o impacto assimétrico que isso provocava no grupo de ouvintes: uns ficavam incomodados, outros mostravam nervosismo, outros (sobretudo quando os oradores eram mulheres e falavam das suas vidas incríveis, árduas e extraordinárias) começaram a dar mostras de desconforto perante um tal grau de exposição. Face a uma incrível generosidade da exposição e abertura das pessoas que ousaram mostrar um pouco de si, algum do espírito normativo falou mais alto. Apresenta-se assim uma oportunidade de acção num grupo que ainda não começou a construir-se enquanto colectivo para lá dos aspectos formais. Mas será que temos tempo para adereçar esta questão convenientemente? Será que o trabalho que eu me propunha fazer era realmente desejado uma vez que ia no sentido diametralmente oposto daquilo que eram os hábitos instalados? Naquele dia, saí com uma sensação pesada e com a cabeça em forma de pergunta.



A REVOLTA

(poema de Alexandre Moreira)

Já tenho saudade
De ouvir falar verdade
Neste país, que diz ter liberdade
Mas só fala de austeridade
Para quem tem pouca ou muita idade.
Dizem que tudo é feito com equidade
Mas só nos traz maldade
Esta ingovernabilidade
Dum governo sem sensibilidade
Que não cuida da natalidade
E não dá futuro à mocidade.
Pois é tal a fatalidade
Que paira na sociedade.
Até já há gente com necessidade
A viver da caridade
Que aproveita a generosidade
De quem tem possibilidade.
Pois é preciso criatividade
E dar alguma estabilidade
Sair da passividade
Pôr tudo em atividade
Respeitar a humanidade
Ter mais honestidade
Dar ao mundo seriedade
Fazer melhor a contabilidade
E, que de nós, alguém tenha piedade!...



De bico calado

De bico calado
Traz água no bico
Água águardente
Às 11 e pico

Às 11 em ponto
Calada não fico
Ficar solteira
Jogar serapico

A Fátima a pé
Batendo às portas
Sem nada nos bolsos
E sem respostas

Travo de limão
Não sabe a casar
Vou à lua e venho
E trago o meu par

Helena Sousa
13/06/2017

(TPC para Outra Voz: inspirado nas frases da avó Feliz)



Frases da avó Feliz

- O melhor é o calado.
- A água alaga as arribadas.
- Vou beber uma lagriminha de água ardente para auxiliar a digestão.
- Ó menina, casa-te. Tens de te adequar. Quereis ir buscá-los à lua.
- Ao homem nunca se lhe passa a idade. (Para casar)
- No meu tempo não era nada disto.
- Não faças perguntas menina. Não espremas o limão.
- A gente sem dinheiro no bolso até os cães fogem da gente.
- Jogo do “Pico pico serapico”
- Vamos a Fátima e de caminho passamos no Algarve.
- Não marcou hotel e andava a bater às portas à meia noite.
- Vai ver o que nunca viu.
- Possa para o povo. Sempre arroz, sempre arroz.
- O que a vossa mãezinha mais me recomendou é que fossem para a cama às 11 h.







JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





PARTE II: O PROCESSO

Capítulo II: Primeiro ensaio aberto

07/10/2017 ENSAIO PAVILHÃO DA E. B. 2,3 EGAS MONIZ GUIMARÃES

O retorno de férias aconteceu sem grandes sobressaltos, mas enquanto grupo estava prestes a estrear o “Auto das Máscaras.” Ainda assim, compareceu ao ensaio bastante gente e o ensaio correu bastante bem. Realizámos algumas experiências que cruzavam algumas das cantigas recolhidas que os ensaiadores utilizavam durante a semana com estruturas de movimento físico com acções do quotidiano em formato de improvisação colectiva com diferentes estímulos.

Melancia



Re - bo - la me-lão Re - bo-la me-lan-ci - a se qui - seres ca-sar co-mi-go vai pe -



dir à mi - nha ti - a



**Metro e meio não me chega,
Ó do vira ó do vira vir' amor.
Pra roda do meu balão
E pra roda do meu balão.**

**A roda do meu balão
Ó do vira, ó do vira vir' amor.
É como a roda dum carro
E é como à roda dum carro.**

**Quando entra na cozinha
Ó do vira ó do vira vir' amor
Faz estremecer o sobrado
E faz estremecer o sobrado.**

**O sobrado estremeceu
Ó do vira, ó do vira vir' amor.
Tudo à volta abanou
E tudo à volta abanou.**

**Antes que a casa caia
Ó do vira, ó do vira vir' amor.
A cantiga terminou**

E a cantiga terminou.



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

Alerta alerta!!

A - ler - ta'A - ler - ta A vi-da'é cur - ta'a mor te'é cer -

8
ta Re-zai, re - zai ó irmãos meus Um pa-dre no - sso'um'A ve Ma - ri -

14
a E quem pu - der que reze por a-mor de Deus...

Também realizámos alguns exercícios de coro, em formato “coro grego” com estruturas de improvisação, assim como experiências em torno da música da Pedrinha (que entretanto se tornou numa favorita minha) com estruturas de improvisação física e sonora misturada com outros estímulos sonoros e físicos (máquinas, sirenes, estruturas de comportamento livre e condicionado). O ensaio tinha retornado a uma zona que me pareceu interessante, apesar de não estar o grupo todo. Tal como tínhamos combinado, estávamos agora a entrar numa fase em que o trabalho tinha que começar a ser direccionado para o ensaio aberto de Dezembro. Aí, eu tinha como objectivo que o grupo pudesse realizar trabalho criativo autónomo em palco (sem ensaiadores) e que pudesse agir como grupo. Nesse sentido, este ensaio tinha sido um bom indicador, mas eu precisaria de criar estruturas organizativas inclusivas para dar a compreender e acolher as contribuições dos participantes.



15/10/2017 REUNIÃO (CASINHA, GUIMARÃES) COM ENSAIADORES E DIRECÇÃO

Primeira apresentação da estrutura organizadora do material de trabalho (recolhas de músicas, sons, textos, gestos) em quatro categorias e dois eixos correspondentes a espaços de vida (físicos e psicológicos):

INDIVIDUAL PRIVADO (CASA)	INDIVIDUAL PÚBLICO (CAMINHO ENTRE ESPAÇOS)
COLECTIVO PRIVADO (TRABALHO PARA OUTREM)	COLECTIVO PÚBLICO (LAZER, MANIFESTAÇÃO, OUTRA VOZ)





Aqui, foi lembrado aos ensaiadores os materiais que deveriam ser ensaiados e com particular ênfase nas “lengalengas”, “sirenes”, “máquinas”, “pedrinha”, “ei boi”, entre outros, ou seja, recuperação de alguns dos materiais mais simples recolhidos que possam ser criativamente produzidos por toda a gente e que não criem problemas em termos de encaixe de ritmo, tom, nota e etc. por forma a que todos se possam encaixar e participar numa realização comum criativamente e sem a percepção de erro. Foram também dadas sugestões aos ensaiadores para que eles se possam envolver criativamente na criação dos materiais, por forma a que também eles façam parte do processo e não se limitem a cumprir indicações, bem como procurar prover a autonomia do grupo nas suas criações. Isto não será fácil, uma vez que os ensaiadores têm o seu tempo bastante ocupado entre inúmeras tarefas e parece-me que a relação muito vertical e dependente (baseada no comando) que foram criando com o grupo, é um reflexo da dificuldade em arranjar tempo útil para criar outro tipo de relações mais horizontais e criativas com vista à autonomia.

Para além disto, trocaram-se algumas ideias com vista à sintonização, entre nós sobre o trabalho a realizar que teria como fim imediato o ensaio aberto.

Serrote



Se - rra'a ma-dei - ra na Pon - ta na bei - ra se - rrar e marrar ca-dei - ri-nha de lu-tar S. Jo-



ão pe-de-pão Pi - lim-pim-pim Pi - lim-pim-pão Sal-ta ma-ca-qui-nhop'romei - o do chão



Dizeres / Jogos / Lenga-lengas

Pão

Sim, “Seramassa”
Sim, serapeneira
Assim se dá a volta
Ao pão da masseira
Peneiremos, amassemos
Diz ao pai que nos viremos.

Jogo infantil

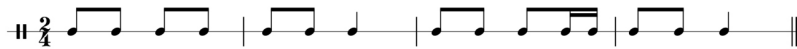
Trincolé Canta comigo
Meu burro té té

St. Bárbara

86

Santa Bárbara Virgem
Se vestiu e se calçou
A caminho, caminhou
O senhor lhe perguntou,
“Onde vais, Bárbara?”
“Vou ao monte desunino,
Onde não haja nem pão nem vinho,
Nem bafinho de menino pequenino.”

Tecla



Te - cla te - cla meu te - ar Sai - a no - va de Ba - la - zar.



Ver autonomia na interpretação sem direcção

Recolhas:

• Lenga-lengas

- Grilinho 1
- Grilinho 2
- Grilinho 3
- Catapana
- Pedrinha
- Serrote
- Melão, melancia
- Tecla, tecla

• Cantigas

- Trai-trai (João Barandão) (momento de lazer)
 - Fica sem cânone para não ter direcção
- Alerta (encomendação das almas)
- Rendeira (feminismo na tradição oral)
- Por aquela serra acima (???)
 - Murmúrio de espaço individual???
- Aboio (D.Fernanda)
- Maria Capitua (Sr.João)
- “Como é linda a minha aldeia” (nacional propaganda salazarista de promoção positiva da pátria)
- “Vinho do porto, queijo e Pão” (momento de borga)
 - (ver rimas)

• Sonoplastia

- Sirenes
- Ruidos de trabalho
- Sons da noite (espaço individual)?
- Necessárias outras propostas sonoplásticas

• Canções originais

- Revolta
- Bico calado
- S.Bentinho (momento religioso)



25/11/2017 – ENSAIO PAVILHÃO DE E. B. 2,3 EGAS MONIZ GUIMARÃES

Torna-se cada vez mais claro que as condições acústicas deste espaço são péssimas e destroem qualquer tentativa de comunicação entre pessoas para construir um objectivo comum. Ainda assim, o trabalho pode ser adaptado às condições existentes.

Exercícios:

- Máquinas com som a complementar;
- Sirene a caminhar;
- Som em vez de palavras (pergunta – resposta).

09/12/2017 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

88 Início dos ensaios na blackbox onde se experimentaram os esquemas e estruturas para improvisação. Apesar de não ser este o seu hábito, o grupo pareceu estar a reagir bastante bem ao trabalho realizado. Esta seria a primeira vez que estaríamos todos juntos a trabalhar durante 5 dias seguidos (se contarmos com o dia da apresentação) durante duas ou três horas por dia, para preparar uma apresentação pública. Seriam dias muito importantes.

Grilinho 1

Gri - li - nhogrillão Sal - ta cá fo - ra qu'eu dou-te'o pão An - d'os bi-chi - nhos na tu - a Eii -

ra'a co - mer a se - men - tei - ra



Grilinho 2

Gri - li - nho sai sai que'oteu pai 'stá à por-ta As ca - bri - nhas na hor - ta'os cõe -

5 zi - nhos a la - drar que te quer ma - tar gri gri gri

Grilinho 3

Gri - li - nho sai sai que'oteu pai 'stá à por - ta da mi - ssa'á co-mer u - ma chou -

5 ri - ça gri gri gri gri

11/12/2017 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Improvisações, alinhamento e montagem e remontagem de cenas de forma a construir uma narrativa. Para mim, seria ponto assente que o grupo que viesse fazer o ensaio aberto (e nunca sabíamos se o grupo era ou não exactamente o mesmo do dia anterior, apesar de algumas pessoas sistemática e firmemente voltarem) não teria recurso a nenhum ensaiador em cena durante o espectáculo. Parte do objectivo deste ensaio aberto era o de que o grupo conseguisse ser cénica e musicalmente autónomo e foi nesse sentido que desenvolvemos o trabalho durante estes dias. A minha ideia era trabalhar apenas com estruturas de improvisação e construir uma narrativa através de uma sequência de momentos organicamente fluentes entre os performers em palco, mas a inquietação do grupo levou a que eu acabasse por desenhar, com as diversas sequências de movimento que tínhamos construído, um guião fixo do espectáculo para que nos dias seguintes o pudéssemos ensaiar de forma a que o grupo o pudesse realizar autonomamente na estreia (sem nenhum ensaiador em cena).



A Revolta

Música: Rui Souza
Letra: Alexandre Moreira

Soprano

Alto

Tenor

Baixo

Já te nho sau da de de ou vir fa lar ver da de Nes - te pa ís - que

4

S.

A.

T.

B.

diz ter li ber da de mas - só - fa - la de aus - te ri da de



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

8

S. Para quem tempou ca ou mui tali da de Dizem que tudo é fei to

A.

T. Para quem tempou ca ou mui tali da de Dizem que tudo é fei to

B.

13

S. com e qui da de mas só nos traz mal da de e s ta in go

A.

T. com e qui da de mas só nos traz mal da de e s ta in go

B.

17

S. ver na bi li da de dum go ver no sem sen si bili da de

A.

T. ver na bi li da de

B.



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ

20

S. que não cui da da na ta li da de e não dá fu

A.

T. A té já há gen te

B.

23

S. tu rolà mo ci da de poi s é tal a fa ta li da de

A.

T. com ne ce ssi dade A té já há gen te com ne ce ssi dade A té

B.

26

S. que pai ra na so ci e da de a té já há gen te

A.

T. já há gen te com ne ce ssi da de A té já há gen te

B.



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

30

S. 
com ne ce ssi dade a té já há gen te com ne ce ssi da de

A. 

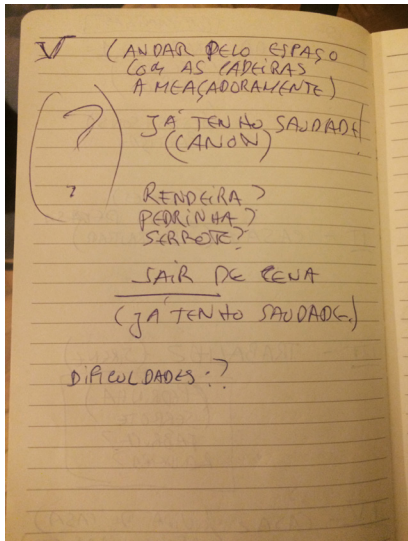
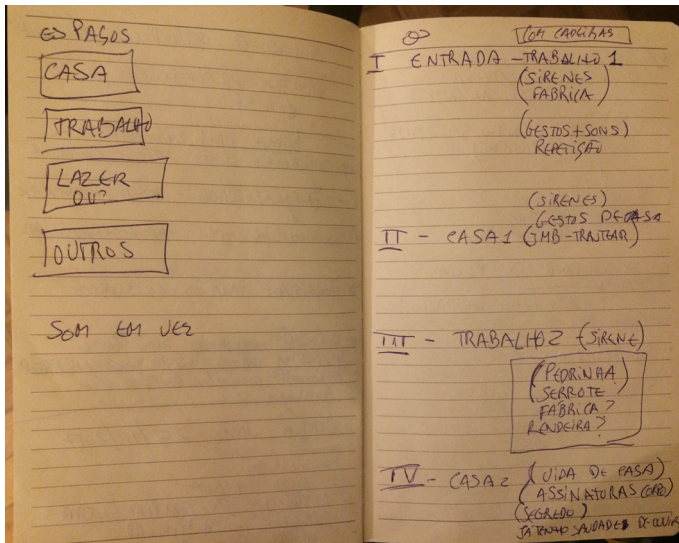
T. 
com ne ce ssi da de A té já há gen te com ne ce ssi da de

B. 



12/12/2017 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Ensaio e alinhamento de cenas previamente estruturadas.





13/12/2017 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Ensaio geral e alinhamento de cenas previamente estruturadas (sem ensaiadores em cena).



95





14/12/2017 ENSAIO ABERTO AO PÚBLICO BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

O ensaio aberto correu bastante bem e sem sobressaltos. Foi tudo autonomamente conduzido pelo grupo durante os cerca de 30 minutos da apresentação e tudo correu dentro do previsto. Algumas coisas como o aboio, a roda (rendeira, pedrinha, serrote) que surgiram de improvisações, a revolta, os sons e movimentos da fábrica, as sirenes (entre outros) acabaram por ser momentos de transição de uma narrativa que poderia alicerçar um espectáculo futuro. Enquanto grupo mostraram que a sua experiência adquirida ao longo do tempo era bem relevante e significativa e isso era muito importante, assim como o facto de se ter demonstrado a possibilidade da sua performatividade autónoma em cena. No final, novo momento de comezaina. O grupo parecia estar diferente e fazia já planos para o futuro deste trabalho.

96

Durante este convívio, após apresentação em contexto pré-natalício, entre bolo rei e licores caseiros, aos meus olhos o grupo pareceu abrir-se mais do que tinha acontecido anteriormente. Algumas pessoas cantaram musicas “preferidas” individualmente e em coro, fizeram-se sugestões de materiais para o espectáculo (tanto em público como ao pé da orelha), as conversas eram animadas cantava-se ao desafio, contavam-se intimidades. O grupo revela-se mais próximo daquilo que se intui que ele seja.







JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



100





PARTE II: O PROCESSO

Capítulo III: Segundo ensaio aberto

02/01/2018 – REUNIÃO COM COORDENAÇÃO E DIRECÇÃO MUSICAL

Define-se aqui quem fará a direcção musical do projecto e preparam-se tarefas para as próximas sessões.

04/01/2018 SÍNTESE

No desenvolvimento deste processo, o ano de 2017 foi particularmente intenso e atribulado, nomeadamente pela quantidade de actividades paralelas realizadas pela Outra Voz, como também pela quantidade de trabalho da minha parte. Para além disto, o trabalho com este projecto, com todas as tarefas que ele implica, exige um trabalho prático que duplica o trabalho comumente tido como “trabalho de investigação.” Tudo somado, não foi um ano nada fácil, mas tenho de confessar que teve algo de bem gratificante o contacto com todas estas vidas, todas estas histórias, emoções pensamentos, cruzamentos, corporalidades avanços e recuos. Conhecimento e sabedoria que vem da experiência, longe de qualquer lugar comum. Há qualquer coisa de privilégio nisto tudo.

No que diz respeito ao trabalho específico com a Outra Voz, tínhamos conseguido avançar, ainda que não sem resistência da parte do grupo e das suas dinâmicas organizativas, o que acaba por ser normal pois já dizia Shakespeare que “é mais fácil escolher um mal que se tem, do que refugiar-se noutra [mal] desconhecido.” Apesar de tudo, o trabalho realizado em dias consecutivos para o objectivo comum ensaio aberto, em que nos ficámos a conhecer e a experimentar um pouco mais no contexto da criação performativa, assim como o resultado final em si mesmo, acabou por ser uma boa síntese do trabalho que se realizou ao longo do ano e abriu boas perspectivas para o futuro. Considerei um grande passo o facto de ter sido a primeira vez que fizeram uma apresentação do



princípio ao fim sem serem comandados por ninguém dentro do palco e para isso foi apenas necessário iniciar o trabalho e a possibilidade de criar algumas referências que marcassem a sequência de acontecimentos da narrativa cénica de forma auto-organizada. A experiência performativa do grupo fez com que alguns destes processos não fossem estranhos (como por exemplo a pressão da estreia para onde todo o trabalho caminha e tudo como que magicamente se encaixa). Espero que esta semente pegue e traga bons frutos para o futuro.

20/01/2018 – REUNIÃO DE PRODUÇÃO

Independentemente do mau timing criado pela conjugação de uma anormalmente grande confluência de tarefas, era urgente e importante realizar esta reunião por esta altura, pois tornava-se necessário continuar a organizar o trabalho, os tempos e os recursos do grupo para poder começar a contactar os artistas (luzes, cenografia, figurinos...) e começar a marcar datas concretas com o máximo de pormenor possível. O atraso neste processo pode levar a que as pessoas se tornem indisponíveis, pois a fragilidade da sua situação leva a que, frequentemente, tenham que aceitar as propostas que lhe são feitas independentemente da sua vontade.

102

Foi com agrado que constatei, pelo feedback sobre o ensaio aberto de Dezembro, que aquele tinha tido um efeito animador no grupo e que os ensaios semanais estavam a ser mais participados e animados do que antes do ensaio aberto. Depois deste passo organizativo parece que conseguimos reunir as condições para continuar o processo e avançar. A produção ficou de marcar reuniões com os figurinos e cenografia. Outros pontos importantes relativos a tempos de ensaio, datas, espectáculos e possíveis digressões, foram também apontados.



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO

TRAI-TRAI (Minho)

Ilha da Madeira - Portugal

Moderato *giocoso* $\text{♩} = 88$ Manuel Faria

Soprano

Contralto

Tenor

Baixo

A to-car no vi-o-lão Ca-

Lá vai Jo-ão Baran-dão. A to-car no vi-o-lão, Ca-

Ca-

6

sa-co'á mo-da na mão. E a-tão, e atão, e a-tão? Trai-trai, ó-laré, trai-

sa-co'á mo-da na mão. E a-tão, e atão, e a-tão? Trai-trai, ó-laré, trai-

sa-co'á mo-da na mão. E a-tão, e atão, e a-tão? Trai-trai, ó-laré, trai-

Trai-trai o-laré, trai-

11

trai E-ra'a mo-da de meu pai. Ó-pas tor! Ah! Ah! Ah! La-vra

trai E-ra'a mo-da de meu pai. Ó-pas tor! Ah! Ah! Ah! La-vra

trai E-ra'a mo-da de meu pai. Ó pas-tor! Ah! Ah!

trai E-ra'a mo-da de meu pai. Ó pas-tor! Ah! Ah!

Grupo Coral e Instrumental da Casa do Povo da Ponta do Sol



16 ⊕

dor enga-na - dor! Re-nhi - nhi, re-nhó - nhó! Ah! Ah! Ah! Oh! Oh! Oh! Lá

dor enga-ná - dor! Re-nhi - nhi, re-nhó - nhó! Ah! Ah! Ah! Oh! Oh! Oh!

Ah! La-vra- dor enga-na - dor! Re-nhó - nhó! Ah! Ah! Ah! Oh! Oh! Oh!

Ah! La-vra- dor enga-na - dor! Re-nhó - nhó! Ah! Ah! Ah! Oh! Oh! Oh!

104

22

vai, lá vai, lá vai João Baran-dão. Lá vai,

Lá vai, lá vai, lá vai Jo - ão Ba-ran-dão. Lá vai,

Lá vai, lá vai, lá vai Jo - ão Lá vai, lá

27

lá vai, lá vai Jo - ão A to-car, a to-car, A to-car no vi-o - lão.

lá vai, lá vai Jo - ão A to-car a to

vai lá vai Jo-ão Ba-ran - dão A to-car, a to

A to-car, a to-car, a to-car no vi-o-lão.



48

Lá vai.

vai,

Lá vai.

Lá vai,

D. C.
até ao
e
salta
para
terminar

52

Ah!Ah! Ah! Ah! Ah!Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Oh!Oh! Oh!

Ah! Ah! Ah!Ah! Ah! Ah! Ah!Ah! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Oh!

Ah!Ah! Ah! Ah! Ah!Ah! Ah! Ah! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih!

Ah! Ah! Ah!Ah! Ah! Ah! Ah!Ah! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! Ih!

57

Oh!Oh!Oh!Oh! Oh! Ah!Ah! Ah! Oh!Oh! Oh!

Oh!Oh!Oh!Oh! Oh!Oh!Oh! Ah!Ah! Ah! Oh!Oh! Oh!

Ih!Oh!Oh!Oh! Oh!Oh!Oh! Oh! Ah!Ah! Ah! Oh!Oh! Oh!

Ih! Ih! Ih! Oh! Oh!Oh!Oh! Oh!Oh! Ah! Ah! Ah! Oh!Oh! Oh!



03/02/2018 – PEQUENO PAVILHÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO DE HOLANDA, GUIMARÃES

Neste ensaio, pareceu confirmar-se a ideia de que há um maior entusiasmo por parte do grupo no que diz respeito à forma de encarar os ensaios para este trabalho, o que deve ter absolutamente a ver com o facto de ter corrido bem o ensaio aberto de 14 de Dezembro. Confesso que me provoca alguma emoção, que é ao mesmo tempo um tanto desconfortável, a afirmação (que várias pessoas fazem) que o que procuram ali é que eu fique agradado com a sua prestação. Tento devolver que “se as pessoas que fazem gostarem, então eu também fico plenamente satisfeito.” Este ensaio começaria por ser uma apresentação do trabalho que têm estado a fazer nos ensaios semanais com a supervisão da direcção musical. Depois de um aquecimento de voz, o grupo passou por algumas das canções, às quais acabei por me juntar. Estava já a ponderar neste ensaio começar a interagir mais activamente com o grupo no sentido de começar a colocar-me dentro do acto e da interacção performativa e não apenas fora pois possivelmente irei entrar no espectáculo com a personagem do “inconformado” que está a ser desenhada e precisamos dessa interacção. Comecei por isso a assumir uma postura mais activa no trabalho de coro procurando aprender e integrar-me nas canções que estão a ser aprendidas. Comecei com o São Bentinho, que é uma música muito bela e muito difícil a quatro vozes, mas que se consegue fazer relativamente bem quando o grupo é organizado pela ensaiadora. Gostei daquele aspecto organizado que, no ensaio, a canção tinha. A ensaiadora comandava o grupo, interrompia e mandava recomeçar, como se apenas ela detivesse o conhecimento necessário para fazer a ligação entre todas aquelas pessoas e as fracções musicais que tinham decorado. Introduzi alguns exercícios de improvisação e integração corpo/voz. Inicialmente, comigo no centro do círculo, com o grupo a sustentar um som colectivo do lado de fora impedido-me de sair do círculo. Rapidamente o exercício se tornou numa dinâmica em que várias pessoas experimentavam tomar o centro e improvisar com a periferia em várias dinâmicas de interacção que foram bastante energizantes e animadoras, como acontece nos melhores ensaios.



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





Um exemplo colectivo Outra Voz (texto Bom/mau ensaio)

Falsidade?

--

**Não gosto das pessoas sempre a fazer perguntas, algumas são chatas.
Gosto muito dos ensaiadores.**

--

**Gostava que não houvesse mais guerras.
Que os meus inimigos fossem levados pelas ondas no Algarve.**

--

**Adoro ser quem sou alegre divertida.
Não importa o que os outros pensem de mim.
Porque vivemos num mundo tão cruel.**

--

**Sejam felizes, amo-vos muito.
Não mereço o vosso desprezo.**

--

**Com Deus eu sou feliz porque gosto de Amor.
De politiquice não? Muito obrigado.**

--

**Só gosto de ti, pois foi contigo que decidi viver.
O que me desgosta na vida são os políticos, que são quase todos
mentirosos.**

--

**Bom: o teu olhar!
Ruim: quando foste para o outro mundo.**

--

**O teu olhar.
Triste quando partistes.**

--

**O maior presente da vida é a mulher e mãe dos meus filhos.
Se houvesse justiça divina muita gente não merecia viver entre nós.**

--

**Eu gostaria que não houvesse guerras.
Houvesse mais educação.**

--



**Eu estou aqui porque vivo, como tal amo a vida!
Gosto de tudo e de todos. Mas detesto oportunismos e vigarices!**

--

**Gosto da vida como os insectos gostam das flores.
Detesto as pessoas falsas.**

--

**Eu gosto mesmo muito de ti.
Não gosto dela, porque ela é falsa.**

--

**O amor é vida.
O ódio é morte.**

--

**A vida é madrasta quando não aproveitamos cada momento.
Nada melhor que a paz de consciência, contigo e com os outros.**

--

110

**Nós somos alguém que canta as alegrias e as nossas mágoas.
Que me ensina a conhecer-me melhor.**

--

**Para vocês ensaiadores é bom que façam tudo para que sejam felizes
porque estamos olhando nos vossos olhos alegria que alegra a minha
tristeza.**

--

**Os meus netos são o meu orgulho, a minha razão de viver.
Odeio falsidade.**

--

**Eu gostava de ter a certeza de as minhas netas continuarem a ser o
motivo porque me sinto feliz enquanto a vida assim o permitir.**

--

**Obrigado és um amor do tamanho do mundo.
Minha fraca só sabes fazer mal.**

--

**A saudade é um sentimento
Uma angústia que se sente
O meu coração abraça
Em silêncio a minha gente**





**Longe, longe eles estão
Mas de longe se faz perto
Quando fala o coração**

--

Amigos da Outra Voz sinto uma grande alegria porque de vez em quando estou na vossa companhia.

Eu queria pedir aos políticos para olhar pelos pobres

--

**Gosto de te amar.
Não gosto quando gritas.**

--

**Gosto quando me tocas.
Detesto que te metas na minha vida.**

--

**Adoro a Outra Voz são todos muito simpáticos.
O que não gosto é de pessoas traiçoeiras.**

--

**Como é linda a nossa amizade!
Não gosto de falsidade das pessoas.**

--

**Lá longe o tempo te deixou, e ainda lá estás... tão longe.
Saudades de ti? Porque as teria? Tu que mataste a minha vida.**

--

**O amor é lindo, torna a vida leve.
A tristeza é o passaporte para a doença.**

--

Sabes, o que a vida tem de bonito é que tens sempre a possibilidade de escolher as tuas opções e viver de acordo com aquilo que acreditas. Não gosto nada que faças com que a nossa amizade seja um conjunto de obrigações. A amizade deve ser um sentimento puro e livre...

--

A Outra Voz surpreendeu outra vez, fiquei muito feliz com a dupla das Inês.

Quanto à má, fico muito arreliado, faltam tanto ao ensaio e depois não dão conta do recado.





--

**Nem sempre te dedico o tempo que mereces... dificilmente te dou um abraço... e beijos são escassos... mas amo-te até ao fim do mundo!
Seja a tua vida um reflexo do que fazes aos outros!**

--

**O que mais me faz sofrer e zangar é a injustiça e as guerras.
O que mais me agrada na vida é ter os meus filhos e netos e actualmente estar aqui.**

--

**O grupo Outra Voz tem boas canções e bons cantores.
O grupo Outra Voz tem poucos ensaios.**

--

Sê feliz, sua besta

--

**Gosto de mim como sou!
Não perco tempo com coisas inúteis!**

112

--

**Tenho medo de ti porque te amo.
Receio o teu carácter porque sou fraco.**

--

**Gosto imenso de fazer caminhadas ao sol.
Já não gosto do tempo chuvoso.**

--

Eu gosto muito de participar neste convívio porque fico com a mente mais leve

--

**Desejo muito paz para todos e pró mundo.
Desejo que morram os homens que fazem a guerra morram queimados.**

--

Eu gosto muito de estar neste convívio da Outra Voz

--

**O que melhor me aconteceu foi entrar para o grupo da Outra Voz onde aprendi e também conheci pessoas admiráveis.
O pior que me aconteceu foi conhecer algumas pessoas que se consideram melhor que outras.**



--

**Tenho a família mais linda e unida do mundo, que assim continue!
Ouve, escuta com atenção, e então fala, ou serás sempre burro.**

--

**Já tinha saudade de estar com este grupo
Gosto muito de andar no Outra Voz**

--

**Ganha juízo!
Ganha juízo!**

--

Não gosto de quem faz maldades por devoção.

--

**Eu só queria ir ao céu ver como é aquilo.
Fazer a guerra por ódio é fazer o diabo rir.**





JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ

114





18/03/2018 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Sinopse/Teaser do segundo ensaio aberto

O Outro de Nós é uma caminhada na orla do abismo.

Quantas pessoas têm a coragem de procurar entender o mistério que são os outros que existem em si? O mistério que é existir nos outros? Não são assim tão poucas. Em primeiro lugar, deixamo-nos inspirar pelas palavras do Raul Brandão para desnovelar as nossas próprias palavras, pelos pensamentos do Bernard Stiegler, do José Gil, do Orlando Fals-Borda, para deixar fluir os nossos próprios pensamentos. Entoamos e ouvimos os arquivos vivos das memórias sonoras que nos rodeiam e tantas outras vozes que completam as peças deste enorme puzzle, que somos nós e os outros. Depois da fome, da miséria, do fascismo e da guerra, das escravaturas do passado e das austeridades do presente, talvez tenha sido enquanto se cantava ao desafio na sala do museu, que tenhamos encontrado a coragem para olhar para o abismo e dar um passo em frente. Agora, felizmente, não temos outra alternativa que não, juntos, voar. Felizmente, não somos assim tão poucos.

115

Estrutura (2º Ensaio aberto)

1. - Jorge sozinho (sirene) cenário: um amontoado de cadeiras no espaço (?) um microfone pendurado a partir do tecto no centro de cena (?)

- Todos entram (com/sem cadeiras para trabalho) a andar pelo espaço com som de sirene. À medida que se instalam no espaço, substituem o som da sirene por sons de trabalho. Cada pessoa escolhe uma profissão (a que teve, a que tem, a que gostaria de ter tido) e desempenha os seus movimentos e sons (é possível trocar de profissão, é possível trocar de espaço e ambas as coisas juntas). Som específico para cada deslocação (?).

2. Nova sirene Jorge e nova sirene todos (final do horário do expediente) – fim de semana

- Cada pessoa (uma de cada vez) vai buscar a cadeira ao amontoado de cadeiras e parte para instalar a sua casa/ caso as profissões estejam a ser desempenhadas com a cadeira uma pessoa de cada vez encontra um lugar no espaço para instalar a sua cadeira e a sua casa.



- Desempenho das tarefas domésticas na intimidade do lar durante um dia de descanso (em que não se sai de casa) de manhã até à noite.

- Todos dormem.

3. D. Fernanda sozinha (perto do micro caso exista) diz lengalengas (era uma velha furunfelha) como se a chamar os outros.

- À segunda ou terceira lengalenga, outras pessoas podem aproximar-se e dizer também lengalengas e acabar com algo conjunto (lá em baixo laraixo ? – grilinho e discussão?).

- A chamada final da D. Fernanda será o aboio, ao qual as restantes pessoas que não acordaram responderão (caso toda a gente tenha acordado respondem todos os presentes), e começa a pedrinha. Surgem os três grupos, mas todos na pedrinha.

- Pedrinha e serrote.

- Pedrinha e rendeira.

- Termina num grande baile com a rendeira.

116 - Finda a rendeira as pessoas descansam – é intervalo para lanche, mas ninguém sai da sala.

4. Piquenique (15 minutos)

- Estendem-se toalhas no chão, abrem-se tupperwares, sacos com tangerinas, vinho, pão (?) bolachas, as pessoas conversam alegremente, trocam lanches (como quando são os intervalos – aqui seria bom: cantigas ao desafio (domingos, zé maria, Conceição, Alexandre, d. Fernanda...), lenga-lengas, poemas, guitarras e canções (ricardo, celeste?), histórias marotas, reacções dos públicos.

5. Sirene Jorge (?) (ao fim de 15 minutos exactos) a sirene interrompe, tudo se arruma rapidamente.

6. Retoma o trabalho (igual a 1 mas só num lado da cena)

7. Sirene (Jorge ?) – Retoma a casa (igual a 2 mas só em outro lado da cena)

8. Sirene (Jorge ?) – forma-se um coro (precisamos de ver com Marisa quais as músicas a ensaiar)

9. Sirene (Jorge?) – A partir da formação no espaço do coro as pessoas



podem começar a movimentar-se pelos três espaços (Casa, trabalho e coro). Possibilidade de criar um quarto espaço perto do micro, no centro (onde cada um se pode exprimir livremente de forma sonora ou visual, as suas histórias, frases etc). O final das músicas do coro deverão ser religiosas (alerta e sobretudo “Ó meu São Bentinho”)

10. Textos Ricardo interrompe o coro todos ouvem. O coro desfaz-se (ou uma parte dele e cerca Ricardo) no fim do texto ele é agredido pelas pessoas com os seus casacos e a cena termina com o Ricardo soterrado numa pilha de casacos)

11. Texto Helena.

12. No final do texto da Helena alguém (ver quem) dá o início à “revolta”. À medida que mais pessoas vão entrando na música da revolta, recupera-se debaixo da pilha de casacos, As cadeiras são agora arma de arremesso. O espectáculo termina em coro com o coro da revolta (com ou sem direcção - a ver).

Entre o último ensaio e este, tinha começado já a sondar a possibilidade de desafiar as pessoas a desenvolver os trabalhos que tinham vindo a realizar, nomeadamente aquelas que tinham escrito textos, mostrado interesse em fazer vídeos, apresentado e performativizado publicamente narrativas e histórias, entre outras coisas – felizmente, os ensaios eram bastante espaçados e permitiam estas possibilidades. Tendo em conta a qualidade performativa de alguns participantes, lancei um desafio para interpretar a personagem do “Inconformado” que estava a ser construída para mim próprio – eu poderia ficar com uma participação mais modesta.

Munido destes elementos e um pouco já mais ciente das limitações de tempo e das dinâmicas de funcionamento do grupo, comecei a elaborar um guião a partir das cenas que já estavam a ser criadas, as cenas emergentes das novas improvisações e das cenas com texto que estavam em construção. Nesta fase, começou a ser incorporada a ajuda dos criativos que haveriam de estar completamente integrados no espectáculo final, trabalhando a partir dos performers e para os performers (daí a escolha cuidada). A ideia era que todos os performers pudessem desenvolver uma personagem para cena com um figurino e adereços desenvolvidos por cada um e para si mesmos. Quis também pegar na ideia de intervalo (comezaina em que cada um tira os seus lanches, come,



canta e fala livremente acerca do que lhe aprouver), gostava que um tal momento pudesse entrar na apresentação pública e propus isso mesmo. Todos aceitaram as propostas, assim como o guião.

Os primeiros dois dias de ensaios foram problemáticos porque havia muitas festas no concelho e muitos dos participantes não vieram (apenas vieram cerca de 20 ou 30 pessoas). Uma vez que nunca sabíamos muito bem o número de participantes e tínhamos decidido não fechar a porta a ninguém, tentámos desenvolver estratégias para que isto fosse viável. Também por isto, mas não só, decidimos, refinando cada vez mais o guião do espectáculo, que haveria um coro fixo em cena (uma ideia já antiga), dirigido em cena pela directora musical, que também teria uma personagem, que produziria a banda sonora do espectáculo e se juntaria aos momentos musicais.

19/03/2018 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

118

– Texto Eu detesto o medo –

Eu detesto o medo, eu abomino o medo, eu tenho medo do medo!

O medo paralisa-me, asfixia-me, torna-me ridículo, impotente, alimenta-se de mim!

O medo nunca perde, ganha sempre! É utilizado de forma soberba pelos mais habilidosos!

Eu pedia perdão a Deus por acreditar mais no diabo do que n’Ele porque as minhas rezas não eram suficientemente fortes, a minha fé era tão fraquinha que não superava os meus medos; o medo do escuro, o medo de acontecer uma doença muito grave aos meus pais e o maior medo de todos, o de ser possuído pelo diabo, passar a fazer mal a toda a gente de forma impiedosa e de arder eternamente no inferno.

É claro que não passava a maior parte do tempo nesta negrura. Diverti-me imenso, brinquei muito e de forma intensa, nunca passei despercebido.

O meu pai dizia-me: “Rapaz: Deus te livre de alguém me fazer queixa de ti”;



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO





“Para a missa e para o trabalho tens que chegar sempre a horas!”; “A coisa mais feia do mundo é ser-se mentiroso!”

O meu pai era implacável, obrigava-me a ir a quase todas as missas, a ir à lenha ao monte, a não jogar à bola. Eu furava todos os esquemas e sofria as consequências. O meu pai vivia atormentado pelo medo de não ter o que por na mesa, e apesar das dificuldades nunca deixou que me faltasse o essencial, a mim e aos meus nove irmãos. Na altura, eu não o via assim, mas agora considero-o o meu herói. Hoje, com 85 anos, não tem medo de praticamente nada, está a usufruir da falta de responsabilidade, já não precisa de trabalhar como um escravo e de educar ferozmente os seus filhos. Tem um sentido de humor fantástico, diz quase sempre a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem pensar nas consequências. O que o torna na maioria das vezes um velho caduco, malcriado e insuportável, aos olhos daqueles que acham que merecem ser respeitados, e que não estão para aturar os desaforos dos outros. Que ridículas são essas pessoas!

Os medos hoje são outros: mais camuflados, mais sofisticados, mais robustos!

O medo de perder o emprego, o medo da taxa de juro, o medo do terrorismo, o medo da insegurança, o medo da exclusão social.

Aos olhos dos outros, nós não somos o que somos, somos aquilo que alguém muito habilidoso decidiu que fôssemos. Ninguém exclui ninguém, as pessoas é que se autoexcluem, porque não são suficientemente boas, porque não se esforçam como deviam. As regras são iguais para todos, se uns conseguem, os outros também deviam conseguir. Só é pobre e iletrado quem quer, porque não gosta de trabalhar, porque trabalhar faz calo! Mas ainda bem que existem pobrezinhos porque, desta forma, podem organizar-se campanhas de solidariedade, para que os que pensam assim possam contribuir com o seu generoso saco de arroz, e fazer uma publicação nas redes sociais a demonstrar quão generosos são. Que estão dispostos a fazer o que for preciso pelos outros, desde que os outros não tenham rosto, porque o seu vizinho pobre é pobre porque não quer trabalhar, porque o seu irmão pobre é pobre porque não gosta de trabalhar, vieram os dois do mesmo sítio, tiveram as mesmas oportunidades, na sua empresa é que nunca trabalhará. É muito boa pessoa, ajuda toda a gente, mas não vai gastar o seu precioso dinheiro que ganhou com



tanto esforço com pessoas que não merecem, a menos que não as conheça, e que estas não o conheçam a ele...

“Quem não deve, não teme!”

Quem teme, sente-se sempre em dívida. Quem não teme, deve a toda gente.

“Mentiras, não! A verdade acima de tudo!”

A mentira pode revelar-se o ato mais nobre, mais generoso, em determinados momentos!

“A maioria tem sempre razão!”

Foda-se! A maioria é padronizada! Julga! Não aceita a diferença, e é a diferença que nos completa...

Ricardo Faria





JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ

122





20/03/2018 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Apesar de, nos primeiros dois dias não terem aparecido mais do que 30 pessoas, no dia do ensaio geral estavam cercade de 80 e algumas que estavam a chegar pela primeira vez. Integraram-se como puderam e foi interessante ver a confiança e normalidade de tudo isto. Talvez por vezes sejam os profissionais que complicam demasiado as coisas. Maravilhosa e imperdível loucura.

**Raramente fui quem sou
Sem chegada, sem partida
Diz que diz, alguém me diz
Vira o tempo sem saída**

**Um momento, uma viragem
Aprendendo a remar
Sempre atento à outra margem
Onde fixo o meu olhar**

**Raramente fui feliz
Grito mudo ao pé de mim
Seguindo a estrela d'alva
O luar chama por mim**

**Vida curta, cesto cheio
Aprendendo o verbo amar
Hoje sim, eu sou feliz
Fico e espero sem cessar**

Por onde andará o outro de nós?

**E vejo o olhar ausente
Girando à minha volta
Alcanço essa montanha
Que pego com a minha mão**

**Subindo até ao topo
Subindo as mesmas pedras
Perdão que já não existe
Sagrado é este chão**

**Vazio que se perde
Como um barco à deriva
Encontra o cais aberto
A abraçar a chama viva**

Para a Outra Voz após
uns bons anos de partilha :)
Helena Sousa



21/03/2018 ENSAIO ABERTO AO PÚBLICO BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

Esta apresentação foi extraordinária e certamente um dos melhores momentos de todo o processo, sob o ponto de vista performativo. Em particular, a improvisação de 15 minutos exactos do intervalo em versão piquenique foi sublime.

As interpretações das partes com texto foram excelentes a ponto de algumas pessoas da área perguntarem se algum dos actores era profissional. Também deu para perceber que a estrutura funciona, mas é preciso fazer algumas alterações.





O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO









JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



128





PARTE II: O PROCESSO

Capítulo IV: Ensaios pré-espectáculo

29/03/2018 REUNIÃO GERAL – PEQUENO PAVILHÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO DE HOLANDA, GUIMARÃES

14/04/2018 ENSAIO – PEQUENO PAVILHÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO DE HOLANDA, GUIMARÃES

28/04/2018 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

129

12/05/2018 ENSAIO – BLACK BOX DA PLATAFORMA DAS ARTES, GUIMARÃES

15/05/2018 REUNIÃO TÉCNICA, GUIMARÃES

21/05/2018 ENSAIO E MONTAGEM PALCO DO GA CCVF, GUIMARÃES

23/05/2018 ENSAIO E MONTAGEM PALCO DO GA CCVF, GUIMARÃES

25/05/2018 E 26/05/2018 ENSAIO GERAL E ESTREIA, PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL VILA FLOR, GUIMARÃES



JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



130





O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO





JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



132





O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO







O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO



135





JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ





O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO









JOSÉ EDUARDO SILVA E OUTRA VOZ



140





EPÍLOGO

Carlos Correia

COORDENADOR DO COLECTIVO OUTRA VOZ

O percurso percorrido pela Outra Voz é singular.

Provam-no todas as perspectivas que se podem lançar sobre este projecto. O peculiar contexto da sua criação e continuidade pós CEC-2012, o vendaval inconstante que é ter uma porta aberta à participação de todos, a forma estética que os seus objectos artísticos pretendem tomar, aliando voz e corpo, reinterpretando sonoridades do legado oral, introduzindo elementos de experimentação vocal, a voz universal e o espaço físico/metafísico que ela ocupa nas nossas vidas...

141

A complexidade deste grupo é de difícil tradução para o olhar e vivência externos. Sentimos que precisamos de ser “Outra Voz” para sentirmos do que se trata. Sentirmos, mais do que traduzirmos ou explicarmos. E na verdade, o nome por si só contém em si a caracterização essencial do projecto.

Em 2013, apresentámos a ideia da continuidade a todos os participantes. Endereçámos-lhes o convite de se tornarem associados de algo que já lhes pertencia, de serem cúmplices de uma continuidade que poderia beneficiar outros. A questão essa, era muito simples: “A Guimarães CEC - 2012 acabou. Querem continuar?” E nós que quisemos, seguimos caminho...

É desta ideia de nos colocarmos a caminho rumo ao desconhecido, à procura de novas respostas e novas questões, enquanto cidadãos, enquanto “vozes” dos nossos distintos quotidianos, que parte a nossa motivação artística.

Cada uma destas aventuras é então, no final, uma bagagem de textos, cantigas, partilhas, novos amigos, novas perspectivas, novas sonoridades... Que sobretudo reside na experiência pessoal que cada um retira do processo de criação.



Esta experiência particular do *Outro de Nós* pretendeu envolver a Outra Voz num processo de criação participativo rumo aos que nos rodeiam enquanto Outras Vozes.

E é este livro de instantâneos, este diário de bordo que trazemos em nós, que tentamos representar com esta edição. Poderá, talvez, tornar-se num retrato emoldurado da experiência passada. De cada vez que a observarmos, possivelmente, se revelarão olhares e possibilidades que não nos assomaram enquanto submersos no próprio processo.

E, talvez, possa ser também, um diário de viagem para todos os que trilham ou pretendem trilhar por caminhos desconhecidos em busca de novos sentidos para a sua existência.

PARCEIROS REGULARES DA OUTRA VOZ

ACADEMIA DE BILADO DE GUIMARÃES, ADCL DE S. TORCATO, CASA DO POVO DE BRITEIROS, COR DE TANGERINA, ESCOLA DOS GAMBOZINOS, JUNTA DE FREGUESIA DE LORDELO, JUNTA DE FREGUESIA DE PEVIDÉM, JUNTA DE FREGUESIA DE NESPEREIRA

PARCERIA AUDIOVISUAL

“OS FREDERICOS”

AGRADECIMENTOS

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FRANCISCO DE HOLANDA, HELENA SANTOS, JUNTA DE FREGUESIA DE S. TORCATO, JUNTA DE FREGUESIA DE BRITEIROS, SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES, SOFIA SAMPAIO, RODRIGO MALVAR, ROSÁRIO COSTA



O OUTRO DE NÓS: O ESPECTÁCULO E O PROCESSO





QUE SE
FAÇA
SEMPRE
OUVIR
UMA
OUTRA
VOZ

